

REVISTA REDAÇÃO

27/07/2014 - Ed. 30

O sonho que pode tratar

CILENE PEREIRA

A ciência começa a testar de que maneira sonhar pode ajudar no tratamento de pesadelos, dor crônica, estresse, doenças mentais como a esquizofrenia e até aprimorar o desempenho esportivo



Lucas Rocha

O sonho que pode tratar (CILENE PEREIRA)

A ciência começa a testar de que maneira sonhar pode ajudar no tratamento de pesadelos, dor crônica, estresse, doenças mentais como a esquizofrenia e até aprimorar o desempenho esportivo



Superação

Enquanto sonhava que estava em alto-mar, Bruno tomou coragem para enfrentar o pavor que tinha de água. Resolveu mergulhar. Desde então, perdeu o medo. Hoje surfa e veleja

O PAULISTA Bruno Henrique do Carmo, 32 anos, sempre teve pavor de água. Um dos temas recorrentes em seus pesadelos eram tsunamis, afogamentos. O terror permaneceu até que um dia teve um sonho diferente. Sonhou que estava em alto-mar, mas, em vez de sucumbir ao medo, teve a clareza de perceber que estava apenas sonhando. “Resolvi aproveitar a liberdade de fazer o que quisesse”, lembra. “Mergulhei e nadei”, recorda-se. Depois do episódio, Bruno perdeu a aversão à água. Pesquisador da área de neurociências do Instituto do Cérebro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, ele agora aproveita as praias da capital potiguar, surfa e veleja.

O tipo de sonho que Bruno teve se chama sonho lúcido. Nele, o indivíduo sabe que está sonhando e pode até interferir no roteiro se desejar. O fenômeno é conhecido da ciência há tempos, mas nos últimos anos ganha atenção crescente. Isso porque ele apresenta um expressivo potencial para ajudar no tratamento de diversas condições – assim como foi decisivo para que Bruno perdesse o medo da água. Hoje, há centros de pesquisa pelo mundo avaliando sua eficácia contra pesadelos e dor crônica, entre outras enfermidades, e como um instrumento de promoção da melhora no desempenho motor e esportivo.

Contra os pesadelos, o objetivo é usar a consciência de que se está sonhando para interferir no conteúdo e mudar a história de forma a trocar o que dá medo por algo que conforta. No Instituto de Consciência e Pesquisa do Sono, na Áustria, esse trabalho vem sendo feito há sete anos. Os primeiros pacientes tinham pesadelos recorrentes, sem causa aparente. Depois, juntaram-se a eles vítimas de estresse pós-traumático, condição marcada por sonhos aterrorizantes a respeito do trauma que motivou o estresse. “Temos resultados significativos com os dois grupos”, disse à ISTOÉ a pesquisadora Brigitte Holzinger, uma das fundadoras da Associação Austríaca de Pesquisa em Sono. Os resultados da Áustria aproximam-se dos obtidos em outras partes

do mundo. Na lista das melhores práticas para o tratamento dos pesadelos, publicada no “Journal of Clinical Sleep Medicine”, um dos principais no campo da medicina do sono, a terapia do sonho aparece com uma recomendação positiva. “Ela pode ser considerada uma opção”, explicou à ISTOÉ Sanford Auerbach, da Universidade de Boston (Eua) e um dos coordenadores das orientações.

Boas evidências do potencial dos sonhos lúcidos também são encontradas na área das habilidades motoras e performance esportiva. O que se quer é melhorar a precisão do chute, do arremesso, por exemplo? Use o sonho lúcido para treinar os movimentos. Um dos primeiros a apontar os benefícios da estratégia foi Daniel Erlacher, da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Um de seus trabalhos demonstrou como ter consciência do sonho auxilia na coordenação. Ele selecionou 40 voluntários, metade dos quais com histórico de ter sonhos lúcidos espontaneamente. Todos deveriam jogar moedas em um recipiente e tinham 20 chances de fazer isso. Os sonhadores foram orientados a tentar sonhar que acertavam a jogada. No dia seguinte, os sete indivíduos que conseguiram treinar durante o sonho mostraram melhor performance. “Ensañar durante o sonho tem impacto positivo na performance real”, afirmou Erlacher à ISTOÉ.

CONSCIÊNCIA CEREBRAL

O sonho lúcido apresenta particularidades que o diferenciam do sonho comum

POR QUE É DIFERENTE

O indivíduo tem consciência de que está sonhando e é capaz de interferir no conteúdo do sonho de acordo com seus desejos

No caso do sonho normal, o estado de consciência da pessoa normalmente não permite o acesso à memória ou à habilidade de prever o que pode acontecer no futuro

O QUE OCORRE NO CÉREBRO

1

Os sonhos – lúcido e normal – são produzidos durante a fase REM (do inglês Rapid Eyes Movement), a mais profunda do sono

2

Porém, acredita-se que o sonho lúcido aconteça na transição do sono REM para a vigília

3

Durante o sonho lúcido, há uma elevação das ondas do tipo gama

4

Elas normalmente ocorrem como resultado de uma sincronização das atividades de grupos de neurônios, que disparam juntos sinais elétricos cerca de 40 vezes por segundo

5

Isso significa que ao longo do sonho lúcido há uma mobilização de estruturas responsáveis pelo alerta e pela consciência, diferentemente do que caracteriza o sonho comum

6

Esse fenômeno é registrado normalmente na parte frontal do cérebro, na qual estão áreas associadas à tomada de decisões e ao raciocínio





CIÊNCIA - Dresler (à esq.), da Alemanha, mapeou o que ocorre no cérebro durante os sonhos. Sérgio, do Brasil, quer criar métodos para induzir esse tipo de experiência

Seu colega Tadas Stumbrys, também de Heidelberg, está ampliando as investigações. “Constatamos que o sonho lúcido pode melhorar o desempenho no esporte”, contou à ISTOÉ. Seus levantamentos revelaram que 5% dos atletas utilizam conscientemente esse poder. Dados semelhantes foram levantados por Melanie Schadlich, na mesma universidade alemã. Em uma pesquisa preliminar feita com os que costumam ter sonho lúcido e os utilizam para aprimorar as habilidades na música e nos esportes, ela colheu depoimentos interessantes. Muitos relataram que treinar no sonho os ajudou a realizar movimentos que antes não eram capazes de executar.

Nos EUA, o pesquisador Mauro Zappaterra, da Universidade da Califórnia, registrou o primeiro caso do mundo de alívio da dor crônica com o auxílio do sonho lúcido. O paciente, chamado apenas de Mr. S., sofria dores terríveis após uma cirurgia feita em 1991. Ao longo dos 22 anos seguintes, Mr. S. foi submetido a diversos tratamentos. No dia 2 de março de 2013 ele teve o sonho que interrompeu esse sofrimento. Consciente de que estava sonhando, ele viu formas como se fosse o DNA. E procurou entender o que estava vivendo. “Pareceu que meu cérebro desligou e foi ligado novamente”, contou.

Quando acordou, a dor havia ido embora. Ela reapareceu 20 dias depois, mas com a metade da intensidade. Hoje, ele mantém o controle com medicação – menos do que antes – e terapia. Os cientistas não sabem ao certo o mecanismo que levou ao alívio. “Acredito que o trabalho multidisciplinar feito nos dois anos anteriores ao sonho tenha remodelado seu sistema nervoso. E o sonho funcionou como uma poderosa experiência de cura após todo o trabalho prévio”, disse à ISTOÉ Mauro Zappaterra.



COMO TER UM SONHO LÚCIDO

Há algumas técnicas que, praticadas com frequência, levam o indivíduo a ter consciência de que está sonhando, habilitando-o para interferir no seu conteúdo. O passo a passo descrito abaixo é uma orientação do pesquisador Tadas Stumbrys, da Universidade de Heidelberg, na Alemanha

1 - Primeira etapa

Preparação

Aprimore sua capacidade de se lembrar dos sonhos

Isso pode ser feito com a produção de um diário dos sonhos. Seu conteúdo deve ser anotado assim que acordar, mesmo que seja no meio da noite

Aprenda a reconhecer quando está sonhando. Dicas:



1

Tente fechar a boca e o nariz e veja se pode respirar. No sonho, o corpo não precisa de oxigênio

2

Pule no vazio e observe a velocidade da queda. A gravidade como força física não existe como tal no mundo dos sonhos

3

Tente ler algum texto, mude a direção do olhar e volte a lê-lo. No sonho, objetos físicos não existem como tal. Portanto, o texto é suscetível a mudanças

2 – Segunda etapa

Tentativa de chegar ao sonho lúcido

1

Programa o despertador para acordar depois de seis horas de sono

2

Saia da cama e escreva sobre o que sonhou. O sono geralmente é pautado por ciclos de 90 minutos. Por isso, existe uma boa chance de que a pessoa acorde logo depois do sono REM, quando ocorrem os sonhos, e se recorde do sonho que acabou de ter. Se não se lembra, um sonho anterior pode ser registrado

3

Depois de escrever sobre o sonho, analise-o para procurar qualquer pista que sugira que se trata de um sonho (algo inusitado, como um animal falante ou um diálogo com um astro do cinema). Repita para si mesmo que, da próxima vez que vir algo do gênero, vai se lembrar que é um sonho

4

Nesse processo de registro escrito e análise do sonho, fique acordado durante uma hora

5

Volte a dormir. Existe uma boa chance de que você venha a ter um sonho lúcido

6

Quando estiver treinado, comece a escolher com o que quer sonhar e como o sonho pode ajudá-lo



O poder da mudança

Dono de um bar em Natal (RN), André Siqueira, 28 anos, sabe quando está sonhando. Por isso, tenta extrair desses momentos ideias para incrementar seu negócio. "Penso nisso antes de dormir. No sonho, acabo encontrando dicas legais", conta. André também não sofre com pesadelos. Assim que percebe que está tendo um, muda o enredo. "Faço a história de acordo com o que desejo."

explorar mais os circuitos neurais envolvidos", adiantou à ISTOÉ.

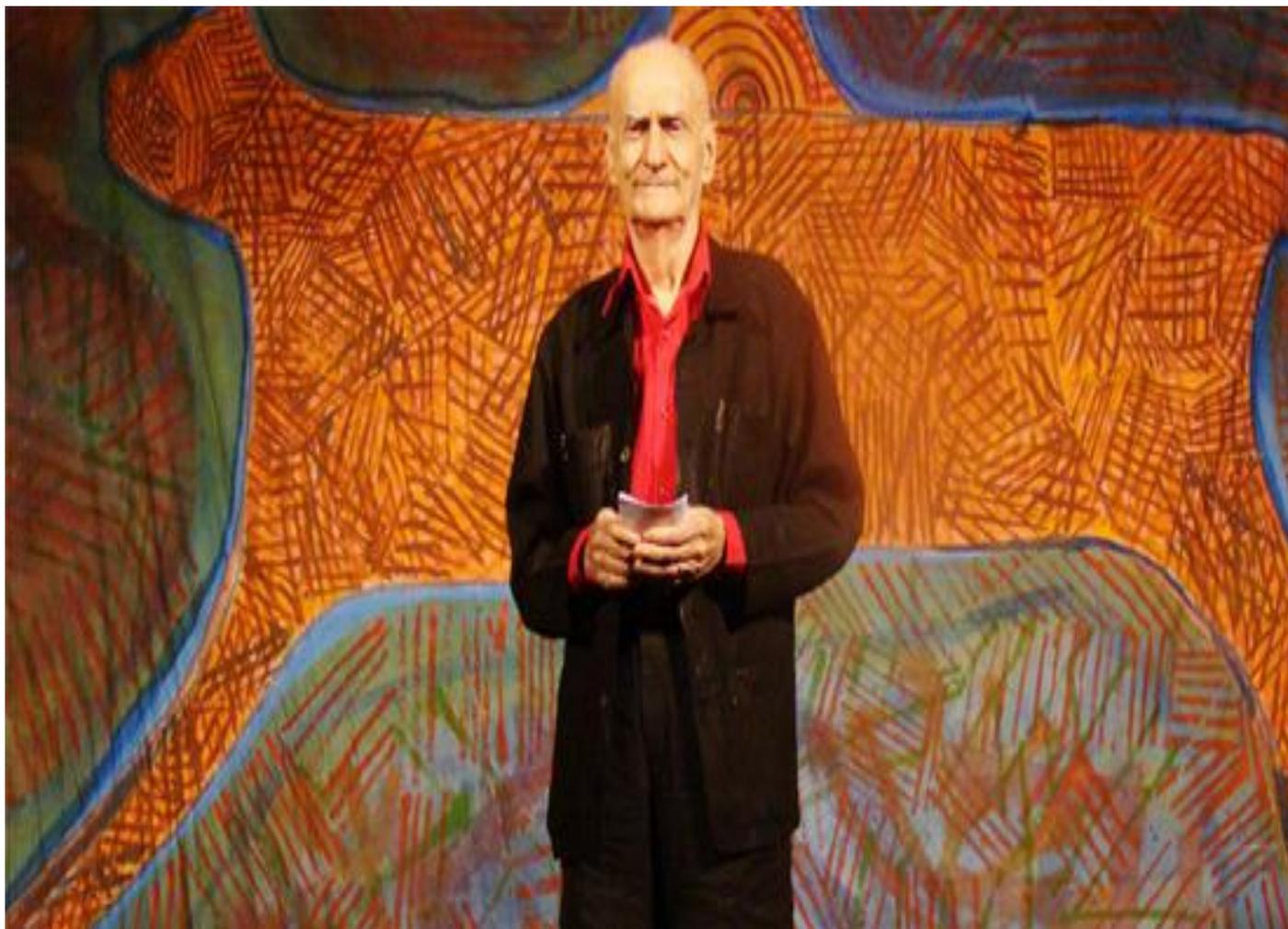
Diante de todo esse potencial, há esforços para encontrar maneiras de facilitar a ocorrência do sonho. Há técnicas que ajudam a ter esse tipo de experiência (leia quadro abaixo). Mas os cientistas pesquisam outras formas. É o caso do pesquisador Sérgio Mota Rolim, do Instituto do Cérebro, em Natal. "Queremos construir um dispositivo para induzir o sonho lúcido", conta. Na J.W. Goethe-University Frankfurt, na Alemanha, a cientista Ursula Voss descreveu na revista científica "Nature" como fez isso por meio da aplicação de suaves estímulos elétricos em pontos do cérebro. "Acho que qualquer pessoa pode ter um ou mais desses sonhos", disse Ursula à ISTOÉ.

A possibilidade de tirar proveito do sonho é objeto de estudo de Peter Morgan, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale (EUA). "Esse recurso pode ter benefícios para uma variedade de condições físicas e mentais, na maioria das vezes como terapia coadjuvante", afirmou à ISTOÉ. No Brasil, a psiquiatra cearense Natália Mota pesquisa o assunto no Instituto do Cérebro, em Natal. Um dos aspectos é a relação entre o sonho lúcido e a esquizofrenia. Entre os raciocínios que motivam a investigação está o de que, talvez, seja possível usá-lo para ajudar o paciente a perceber quando tem uma alucinação. "Teoricamente, se ele é treinado e fica apto a identificar quando está sonhando, talvez fique habilitado para saber quando está tendo uma alucinação", explica a médica.

Acredita-se ainda que, a contar pelos resultados obtidos até agora na melhora das habilidades motoras, é possível que os sonhos sirvam como um meio útil para auxiliar na reabilitação física após lesões e acidente vascular cerebral. "Os exames de imagem cerebral mostram que a prática motora durante os sonhos ativa as mesmas regiões cerebrais acionadas na vigília", disse o cientista Tadas Stumbrys.

Há também o aprendizado sobre a própria consciência e o crescimento emocional que pode advir disso. Um dos que estão empenhados em descobrir como funciona o estado de lucidez durante os sonhos é o cientista Martin Dresler, do Instituto Max Planck, na Alemanha. Ele acaba de publicar um trabalho no qual descreve um mapa do que ocorre no cérebro durante esses sonhos. "Aprofundaremos os estudos para

"O problema fundamental, antes do educacional, é o da fome" - Entrevista com ARIANO SUASSUNA (LÍVIA PEROZIM)



OBRAS DE ARIANO SUASSUNA - Uma Mulher Vestida de Sol (1948); Ode (1955); Fernando e Isaura (1956); O Auto da Compadecida (1957); O Casamento Suspeitoso (1961); O Santo e a Porca (1964); A Pena e a Lei (1971); Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971); Farsa da Boa Preguiça (1974); História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: ao Sol da Onça Caetana (1977); Sonetos com Mote Alheio (1980); Sonetos de Albano Cervonegro (1985); A História de Amor de Romeu e Julieta (1997).

Em entrevista concedida em 2007, Ariano Suassuna fala de livros lidos e escritos, de professores marcantes e dos conflitos entre o Brasil real e o oficial

ÀS 9h30 da manhã, o calor já maltrata em Afogados da Ingazeira, sertão pernambucano. O lugar mais fresco e silencioso para conversar com o escritor Ariano Suassuna é na varanda do quarto onde ele está hospedado com sua mulher Zélia, primeira namorada, mãe de seus seis filhos e companheira fiel de suas viagens pelo Brasil. Está ali como secretário de Cultura de Pernambuco e vai apresentar, no início da noite, sua célebre aula-espetáculo, que reúne dança e música armorial, uma confluência de arte erudita e popular. Ele e a sua trupe de bailarinos, cantores e músicos moram no Recife e estão percorrendo todo o estado. De Afogados, seguirão para outras duas cidades sertanejas, Salgueiro e Belém do São Francisco. Em dias de apresentação o escritor não concede entrevistas.

É para preservar a voz. Mas como a reportagem viajou de São Paulo até Afogados, distante 400 quilômetros da capital pernambucana, a exceção foi aberta. Na viagem pelo sertão "quente, sofrido e belo" de Ariano, deu para ver que ele está em casa entre os sertanejos. Paraibano, criado em Taperoá, na região dos Cariris, Ariano é reconhecido por funcionários e clientes dos postos de gasolina onde a equipe parou. São jovens, senhores e senhoras que pedem autógrafos,

cumprimentam “o mestre” e tiram fotos pelo celular. Ariano é uma celebridade? “Veja bem, melhor o assédio do que o desprezo, não é, não?”

Foram duas horas de prosa regada a água de coco com o dramaturgo, autor de *Auto da Compadecida*, filósofo, professor de Estética, História da Cultura Brasileira e Literatura Brasileira na Universidade Federal de Pernambuco, romancista d’A Pedra do Reino, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras. Nesta entrevista, concedida a Lívia Perozim, Ariano fala sobre as obras que influenciaram o seu trabalho de escritor, comenta a situação da educação, do povo e da cultura brasileira.

Carta na Escola: Como professor, qual foi a sua maior obra?

Ariano Suassuna: Eu não sei muita coisa, mas tenho impressão que consigo transmitir aquilo que sei. Uma das minhas primeiras preocupações era mostrar aos alunos que o conhecimento pode ser uma aventura fascinante e prazerosa. Na universidade, me dava o luxo de não fazer chamada, porque acho que a presença obrigatória é contraproducente. E nunca tive problema com frequência. Pelo contrário, vinha gente de fora assistir às minhas aulas. Acho que plantei o gosto pelo conhecimento nos meus alunos.

CE: É possível ensinar alguém a gostar de ler?

AS: O professor pode apresentar o universo literário, dar sugestões de leitura e ser exemplo de leitor. Eu fui alfabetizado pela minha mãe e por uma tia, antes de entrar na escola, aos 7 anos. Como tirei boas notas no primeiro ano, minha mãe me premiou com as obras completas de Monteiro Lobato. Ainda hoje, quando tomo posições na defesa do petróleo brasileiro, me lembro que as primeiras idéias sobre isso me vieram do livro *O Poço do Visconde*. Naquele tempo, todos diziam que não existia petróleo no Brasil e o Lobato teimava que existia. Ele fez uma campanha tão forte e disse tantas coisas que foi preso, o que levou Anísio Teixeira, o grande educador, a dizer: “Monteiro Lobato foi preso pelo crime de patriotismo, agravado por vários delitos de lucidez”. Minha mãe teve essa lucidez de me dar livros que me deixaram encantado. Ela agiu como professora, não é verdade?

CE: No seu caso, ter uma família letrada foi o que lhe facilitou o acesso à leitura?

AS: O acesso sim. Eu era um leitor voraz, ainda hoje o sou. Mas na minha paixão pela leitura desempenharam papéis importantes livros de aventura e romances policiais. A outra vantagem que eu tive é que o meu pai nos deixou uma biblioteca muito boa, o que ainda hoje não é comum no sertão da Paraíba. Foi da biblioteca dele que eu li pela primeira vez *Os Sertões* (de Euclides da Cunha), *O Cortiço* (de Aluísio de Azevedo), os livros de Eça de Queiroz, principalmente *Os Maias*, *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires*.

CE: Desses livros, qual foi o mais determinante no seu trabalho como escritor?

AS: Os *Sertões*, porque considero *Canudos* o mais importante episódio brasileiro. É quando Brasil urbano e privilegiado se lança contra o arraial popular. Agora, na literatura universal, *Dom Quixote* foi fundamental na minha vida e obra, porque Cervantes conseguiu expressar, como ninguém, os problemas do ser humano, a partir de circunstâncias locais.

CE: Que obra sua o senhor indicaria para os jovens do Ensino Médio?

AS: É melhor um adolescente ler um livro que literariamente não é de primeira, mas que ele leia com grande paixão. É melhor do que ler *A Divina Comédia* por imposição, entende? Mas respondendo a sua pergunta, para uma pessoa pouco habituada à leitura eu indicaria *O Auto da Compadecida*. Já para um jovem com interesses literários, eu recomendaria *A Pedra do Reino*.

CE: O senhor já declarou que *A Pedra do Reino* é a sua obra capital. Mas diante do reconhecimento e da popularidade, não seria *O Auto da Compadecida* a sua criação mais importante?

AS: É sim. Eu respeito muito isso. Guarde as proporções porque não estou me comparando com Dante. Se você me perguntasse se eu queria escrever *O Auto da Compadecida* ou *A Divina Comédia*, eu lhe digo que queria escrever disparado *A Divina Comédia*, que jamais será popular. Há obras que têm apelo popular e *O Auto da Compadecida* é uma delas. E a isso atribuo as histórias populares nas quais me baseei para escrever. Já *A Pedra do Reino* é uma obra mais individualista, mais complexa, mais difícil. Ninguém mais hoje lê um livro de 600 páginas. É um anacronismo, mas, na minha opinião, *A Pedra do Reino* é obra na qual me expressei de maneira mais completa.

CE: O senhor é um homem de muitas convicções. Aos 80 anos, reviu alguma posição?

AS: Olhe, sim. Vou lhe contar. Na Paraíba de 1930, houve uma cisão entre as forças rurais e as urbanas. Meu pai liderava as forças rurais e o presidente João Pessoa, na época o governador se chamava presidente, as forças urbanas. Então, um município do sertão da Paraíba, chamado Princesa, declarou independência e o líder da insurreição era um dos liderados de meu pai. Quando isso aconteceu, a luta se tornou armada. Eu, menino, li todo *Os Sertões* e vejo as forças urbanas e capitalistas cercando *Canudos* e metralhando o povo do Brasil. No meu juízo de garoto, comecei a identificar Princesa com *Canudos*. Eu não percebia que havia uma diferença fundamental entre *Canudos* e Princesa, porque em *Canudos* eram forças

do Brasil privilegiado atirando no povo. E, em Princesa, eram privilegiados do campo lutando contra privilegiados da cidade. Quando percebi que tinha sido levado pela paixão, entrei numa crise muito grande. Procurei reparar o erro e até apontar no meu próprio mestre, Euclides da Cunha, esse erro. Ele era como eu, nascido, criado, formado e deformado pelo Brasil oficial. Saiu lá do Sul, como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo, e se viu diante do povo do Brasil real e ficou do lado deles. Mas a conversão era brusca demais, ele ficou deslumbrado e passou a considerar somente como Brasil real o sertão. E eu caí nesse erro dele, como meu pai caiu. Meu pai era um grande admirador de Euclides da Cunha e achou que o bem era o sertão, e a cidade era o mal.

CE: O que representa Canudos hoje?

AS: A mesma dilaceração que havia em Canudos há na cidade, entre nós e a favela. Veja bem, eu não idealizo o povo brasileiro. Em Canudos havia ladrões de cavalo, assassinos, do jeito que hoje na favela tem traficante, bandido. Mas a maioria da população, em ambos os casos, é ordeira e trabalhadora. Quando vejo a polícia cercando as favelas, vejo o povo real de Canudos. Com essa reflexão comecei a descobrir que o povo do Brasil real eram os despossuídos, na cidade ou no campo.

CE: O senhor sempre cita Machado de Assis e os dois países dentro do Brasil, o oficial e o real. Esse abismo entre o Brasil real e o oficial tem como ser transposto?

AS: Precisa ser. É muito difícil, mas é possível. Programas sociais do governo Lula que estão sendo considerados assistencialistas, como o Bolsa Família, diminuíram o número de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza absoluta. Eu lamento não ter o número exato aqui, mas acho que foi de 35% para 18% o número de pessoas que saíram da linha da miséria. Ainda assim, é um horror porque esses 18% que ainda restam são cerca de 40 milhões de pessoas. Mas está provado que é possível, com uma decisão política, acabar com a miséria.

CE: O senhor foi convidado a ser vice de Lula, em 1989. Em seu governo, o que teria feito pela educação?

AS: Eu jamais faria essa loucura, está certo? (risos) Mas eu vou lhe contar uma história terrível da minha infância. Eu tinha três colegas de turma que eram irmãos. Osório, o mais velho, Pedro, o segundo, e Davi. E esses meninos eram perseguidos. Primeiro porque eles não se misturavam, depois porque eram péssimos alunos. Graças a Deus, sempre tive um certo senso de justiça. Um dia, por um impulso qualquer, ofereci ao Osório metade do pão que eu comia. Ele aceitou e dividiu com os dois irmãos. Continuei dando um pedaço do meu lanche para eles. Anos depois, encontrei o Pedro e ele me disse que aquele era o único café da manhã que eles tomavam. Eles moravam na zona rural, vinham a pé para a escola sem comer nada. Eu não tenho competência nenhuma para ser nem presidente, nem ministro, mas tenho a convicção absoluta de que o problema fundamental, antes do educacional, é o da fome.

CE: Como é ser escritor num país de baixo nível de escolaridade?

AS: É duro, é duro. Agora, veja bem. O que eu posso fazer é muito pouco. Um escritor não tem poder político nem econômico. Tenho convicção de que é um problema difícil e que não atinge só o Brasil. A leitura não é comum em país nenhum. Não acredito que o italiano médio leia A Divina Comédia. O público leitor italiano, sim. Agora, no Brasil de mais 180 milhões de pessoas, as nossas edições são de 2 mil, 3 mil exemplares.

CE: O que uma obra como A Pedra do Reino perde quando é adaptada para o teatro e para o cinema?

AS: Perde alguma coisa, é evidente, mas ganha muitas outras. Não existe arte superior à outra. Eu fui para o romance porque o meu universo interior é muito tumultuado. Tinha muitas coisas que eu precisava dizer e que não cabiam numa peça de teatro. No romance, posso voltar no tempo, dizer o que o personagem está pensando, o que está escondendo. No teatro, tudo é dito pela fala. Então, nisso o romance é superior ao teatro. Por outro lado, a fruição da obra romanesca é sempre um ato solitário. Já o teatro é coletivo. O que eu vi na adaptação que o Antunes (Filho, diretor de teatro) fez na adaptação d' A Pedra do Reino para o teatro é uma identificação enorme do meu romance com o meu próprio teatro. Por exemplo, Quaderna (protagonista d'A Pedra do Reino) é um personagem muito mais complexo do que o João Grilo (protagonista de O Auto da Compadecida) e o Antunes o aproximou mais de João Grilo. Se ele não fizesse isso, ficaria um desastre, um personagem de romance falando no palco interminavelmente. Então, teve essa vantagem. Quanto à adaptação de Luiz Fernando de Carvalho, sou suspeito para falar, porque sou autor do romance, mas eu achei uma obra de arte. Ele optou por uma linguagem apocalíptica e, a meu ver, fez muito bem. Agora o pessoal diz: "Perdeu ponto na audiência". Isso é outro problema, estou falando de qualidade artística. Eu jamais quereria estar na pele dos que ganharam para mim e para ele na audiência.

CE: O que a sua obra tem de política?

AS: O escritor tem o direito de colocar as suas idéias políticas na obra, não de colocar a obra a serviço das idéias políticas. O Calderón de la Barca (dramaturgo e poeta espanhol) tem três obras-primas da literatura universal: O Mágico Prodigioso, A Vida É Sonho e O Grande Espetáculo do Mundo. Pois bem, ele era religioso, católico como eu, e escreveu uma peça

chamada Os Mistérios da Missa, que eu detesto. Ele traiu o teatro para explicar os sacramentos, os mistérios da missa. Gosto de autores de teatro como Shakespeare. As idéias políticas dele estão presentes, mas não é uma peça política. O Bertolt Brecht eu não gosto, porque ele colocava o teatro para servir de cavalo de batalha. Pois bem, qualquer um que ler O Auto da Compadecida vai saber que eu estou do lado do João Grilo e do Chicó, os dois personagens que representam o povo do Brasil real.

CE: Culturalmente, o Brasil passa por um momento de crise?

AS: De certa maneira. Mas já foi pior. Quando eu era menino, o desprezo do povo brasileiro por si próprio era uma coisa terrível. Era uma herança das teorias fascistas e racistas do século XIX, que diziam que o mestiço, o negro, eram inferiores. E hoje noto um interesse maior pela literatura brasileira e pelo povo.

CE: Foi dessa necessidade de valorizar a cultura brasileira que surgiu a aula-espetáculo?

AS: Eu tinha 19 anos quando dei a primeira aula-espetáculo no Teatro Santa Isabel, apresentando três cantadores e um poeta popular. Foi um escândalo na época. O diretor do teatro não se conformava. Ele disse: "Você quer colocar cantador de viola no palco onde Tobias Barreto e Castro Alves recitavam poemas?" Ao que eu respondi: "Doutor, gostaria de ouvir a opinião de Tobias Barreto e Castro Alves, que eu tenho certeza que eles iam gostar". Eu estava certo. Repare, essa cantoria que organizei aos 19 anos resultou no primeiro congresso de cantadores do Recife. E o sucesso foi tão grande que alguns viajaram para o Rio e cantaram na Academia Brasileira de Letras. Comecei a notar que falando das coisas que amava, eu tinha certa empatia com o público. Quando me tornei professor, comecei a usar isso nas aulas.

CE: Quem foi o seu professor mais marcante?

AS: Eu começaria pela minha mãe e por minha tia. Mas tive também outra sorte, meus dois tios, meus primeiros professores de literatura. Para falar em termos políticos e esquemáticos: o Joaquim Duarte Dantas era mais inclinado para a direita, e o Manuel Dantas Vilar para a esquerda. Eu fiquei com a influência literária dos dois. E com a posição política de meu tio Manuel, que era ateu, coisa que eu não sou. Posteriormente, tive um grande mestre chamado Hermilo Borba Filho (escritor e dramaturgo pernambucano). Eu e os meus colegas do Teatro Estudante de Pernambuco freqüentamos a casa de Hermilo como quem freqüenta uma universidade. Toda a noite fazíamos leitura uns para os outros. Foi lá que eu li pela primeira vez O Auto da Compadecida, tendo na platéia ninguém mais, ninguém menos, do que o poeta João Cabral de Melo Neto.

CE: Houve um período em que sua defesa das tradições da cultura brasileira foi tachada de conservadora, retrógrada. Essas críticas o incomodaram?

AS: Eu sou um sujeito bem-humorado e faço disso um motivo de brincadeira. Uma vez um camarada me chamou de arcaico porque eu defendia a cultura brasileira em geral e a cultura popular em especial. Ele escreveu a seguinte frase: "Dos nordestinos nefastos ao Brasil já morreram Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Lampião. Só falta agora Ariano Suassuna". Pois bem, aí eu comecei a usar isso nas minhas aulas. Eu dizia, "Olhe, um sujeito desses, além de errado, é um incompetente. Está querendo me insultar e me faz um elogio?" Nunca pensei que eu tivesse uma dimensão tão grande, me comparar com Antonio Conselheiro, Padre Cícero, Lampião. Um profeta, um santo e um guerreiro? Comecei a me achar depois disso (risos).

LÍVIA PEROZIM é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CARTA NA ESCOLA, Julho de 2014**

Os perigos de estar sempre conectado (JAIRO BOUER)

QUEM acha que o comportamento dos jovens – e de muitos adultos – que não desgrudam os olhos e os dedos da tela de um celular quando estão em grupo é apenas sinal de falta de educação ou de respeito com quem está em volta pode começar a se preocupar com outras questões mais sérias.

Um estudo da Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos, noticiado recentemente pelo jornal britânico *Daily News*, mostra que mesmo os alunos mais inteligentes podem piorar seu desempenho acadêmico quando o uso de celulares, tablets ou notebooks torna-se frequente em sala de aula. Foram avaliados 500 alunos de psicologia. Todos eles (mesmo aqueles com melhores habilidades intelectuais) tiveram uma queda de rendimento e notas, à medida que crescia o uso de internet durante as aulas – olhando notícias, respondendo a e-mails ou publicando nas redes sociais.

Se o fenômeno ocorre com os mais jovens – em teoria, mais bem adaptados a administrar múltiplas tarefas ao mesmo tempo –, não é difícil imaginar que os mais velhos enfrentem o mesmo tipo de problema em seu trabalho, quando pulverizam sua atenção em estímulos vindos do celular e dos computadores. Os resultados desse trabalho da Universidade de Michigan sugerem que as atividades extremamente envolventes da internet podem tirar até os mais "brilhantes" do rumo. Outro grande estudo, a *Pesquisa nacional de comportamentos de risco do jovem*, feito a cada dois anos pelo Centro de Controle de Doenças, de Atlanta, nos EUA, com mais de 13 mil alunos de 42 Estados americanos, investigou, pela primeira vez, o fenômeno das mensagens pelo celular (texting), entre outros hábitos.

O resultado mostrou que 41% dos jovens que já dirigem admitiram ter mandado um texto ou um e-mail enquanto guiavam seu carro, no mês anterior à pesquisa. Em alguns Estados, esse índice ultrapassou 60%. Claramente trata-se de um comportamento cada vez mais comum entre eles. A questão aqui é a habilidade em conduzir um veículo de maneira segura quando o foco de atenção do motorista, além dos olhos e das mãos, está longe do volante. Os jovens, que tendem a ter comportamentos mais impulsivos, correm maior risco de acidentes.

Como não é possível imaginar um mundo e uma escola em que os celulares e a internet não sejam onipresentes, é importante discutir com os jovens o momento mais adequado e seguro para usar essas tecnologias. Que tal desligar o aparelho e prestar um pouco mais de atenção à aula e ao trânsito?

JAIRO BOUER é médico, educador, palestrante, escritor e apresentador de televisão. Estudou no Peretz e escreve periodicamente para esta coluna. **Revista ÉPOCA, Julho de 2014.**

O Cangaco Popular (MALU FONTES)

EMBORA o último cangaceiro do bando de Lampião já tenha morrido (há um mês, aos 97 anos), dificilmente haverá um nordestino que nunca tenha ouvido uma referência à turma de Virgulino Ferreira da Silva, que nos anos 20 e 30 aterrorizou o interior do Nordeste. A palavra cangaço é ainda tão forte no imaginário nordestino que tem sido usada para nominar de novo cangaço os bandos armados que hoje chegam às pequenas e médias cidades do interior do país e, armados até os dentes, ameaçam a população, prendem as autoridades, inclusive e sobretudo a polícia, disparam tiros para o alto e explodem com bombas agências bancárias em assaltos cinematográficos apavorantes.

Há uma semana, no entanto, essas cenas, que só eram vistas nas cidades do interior protagonizadas por assaltantes de banco e que pareciam atualizar no presente o cangaço do passado, adquiriram o aspecto de um levante popular na cidade de Amargosa, a 220 quilômetros de Salvador. Após um policial civil matar com um tiro na cabeça uma criança de 1 ano, durante uma caçada atrapalhada a um suposto bandido que teria fugido pelo quintal da família da vítima, a população transformou as ruas da cidade em cenário de cangaço. Revoltada com o assassinato e pedindo justiça, a população protagonizou um faroeste em tons mais intensos do que aqueles vistos nos episódios de assaltos a banco. Encapuzados, moradores fizeram barricadas, bloquearam ruas, incendiaram e depredaram mais de 16 carros, 40 motos, um ônibus escolar e um caminhão. Além disso, saquearam todas as armas da delegacia, soltaram os 14 presos e incendiaram o prédio, destruindo-o.

O clima na cidade está longe de arrefecer no que se refere à indignação da população. No entanto, os detalhes que se sucederam ao episódio só têm contribuído para que a reivindicação por justiça cresça. Somente graças à imprensa soube-se que o acusado pelo disparo que matou a criança, embora atue como policial civil em Amargosa, tem nada menos que um mandato de vereador na Câmara Municipal de Cachoeira. Como a mesma pessoa, sem licença de nenhuma dessas duas funções, pode exercê-las simultaneamente é uma boa pergunta, tanto se feita à Polícia Civil quanto se feita à Câmara de Cachoeira.

No meio do faroeste popular deflagrado pelo episódio, coube inclusive ao prefeito de Cachoeira declarar uma pérola para a imprensa no último final de semana. Disse que não conhecia o vereador. Sem desenhar fica difícil compreender essa afirmação do prefeito. Ou, de repente, é mais óbvio do que parece: como o acusado é policial civil em outro município que não aquele que o elegeu vereador e onde deveria exercer um mandato, pode ser que nunca disponha mesmo de tempo para comparecer às sessões na Câmara de Cachoeira. Daí o prefeito nunca ter tido a honra de ser apresentado ao vereador armado. Ontem foi anunciado o seu afastamento das funções parlamentares.

A delegada de Amargosa, que na confusão fugiu para refugiar-se num hotel, também foi afastada do cargo. Em protestos nas ruas, os moradores continuam cobrando a prisão do policial e a sua ida a júri popular. Mas, pelo andar da carruagem, a segurança pública do estado parece não ter sido capaz de dimensionar o que quer e o que pode uma população furiosa com a associação entre violência, injustiça e impunidade. Não faltaram autoridades colocando panos quentes, negando o disparo de tiros na casa onde a criança morreu e escondendo os nomes dos policiais envolvidos. Um dia, todo povo cansa de ser gado abatido e a linha que separa cidadãos comuns de cangaceiros de ocasião torna-se invisível.

MALU FONTES é Doutora em Cultura, Jornalista, Professora da UFBA e escreve periodicamente para esta coluna. **Jornal CORREIO, Julho de 2014.**

O futuro da saúde em risco (ROBERTO D'AVILA, CARLOS VITAL E MAURO BRITTO)

AO FINAL de seu primeiro ano, o programa Mais Médicos deixa no ar uma série de preocupações sobre o futuro da saúde no Brasil. Em relação à assistência, de forma urgente, o país deve estar atento à necessidade de avaliação da competência dos intercambistas estrangeiros. Afinal, está em jogo a segurança de milhões de pacientes.

Ao aprovar a lei nº 12.871/13, o governo federal tornou possível que portadores de diplomas obtidos no exterior pudessem atuar sem antes mostrarem sua capacidade. Contudo, as denúncias de equívocos que se acumulam evidenciam

que os riscos são muitos e que o marketing nem sempre resolve tudo. Buscar a revalidação dos diplomas dos intercambistas é um caminho para qualificar o atendimento. O governo não pode esquecer a temporariedade da iniciativa e precisa definir já uma fórmula para ampliar a cobertura assistencial, especialmente no interior distante. Dirigentes da Organização Mundial da Saúde alertam: medidas desse tipo não podem ser definitivas ou de longo prazo.

É urgente a implementação de propostas que efetivamente atraiam e levem os médicos brasileiros para as áreas de difícil provimento. Uma delas é a criação de carreiras de Estado no SUS (Sistema Único de Saúde) para médicos e outras categorias (enfermeiros, dentistas e farmacêuticos). Ao oferecer as condições ideais desse tipo de contratação, o Estado beneficiará, sobretudo, a população desfavorecida, que contará com profissionais estimulados, infraestrutura adequada e equipes completas. As preocupações, no entanto, não se limitam ao campo assistencial.

A qualidade da formação dos futuros médicos também está sob ameaça. Chama atenção a quantidade de novos cursos médicos no Brasil. Em 24 anos, o número passou de 83 para 235 (aumento de 283%). Desde 2011, passaram a funcionar 58 deles (53% privados). Esse quadro deixa o país no ranking mundial atrás apenas da Índia, que tem população seis vezes maior que a nossa e 381 escolas. Por ano, os 235 cursos em funcionamento no Brasil ofertam 20.539 novas vagas. Nos Estados Unidos, por exemplo, que têm 50% a mais de habitantes, esse total é de 17.364, distribuídas entre 141 escolas.

No Brasil, apesar de ilhas de excelência, a falta de critérios tem feito com que escolas funcionem com estruturas limitadas, sem laboratórios, sem hospitais de ensino e sem professores especialistas, mestres ou doutores. A intenção do governo federal de oferecer 11.447 novas vagas de graduação em medicina até 2018 amplifica o sinal de alerta. O governo alega que esse aumento de vagas fixará médicos em áreas de difícil provimento. Trata-se de argumento falacioso. Estudos mostram que só 26% dos médicos fixam residência nos municípios de sua graduação. A permanência ocorre de forma significativa nos locais onde é feita a especialização. Sem atentar para esses aspectos, a proposta tem tudo para dar errado.

Além disso, causam inquietude as mudanças das diretrizes curriculares aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, que priorizaram o internato dos alunos na rede pública. Na prática, estudantes poderão ser treinados até em postos de saúde. Sem estrutura nem professores em condições de proporcionar essa formação, a iniciativa camufla a real intenção do governo: suprir a carência do SUS com mão de obra barata. Esses dilemas afetam os programas de residência médica. A oferta de uma vaga de especialização para cada formando, anunciada pelo Ministério da Educação, é inexecutável. Não há hospitais preparados nem preceptores suficientes para orientar os futuros especialistas.

As medidas anunciadas para a assistência e o ensino da medicina nada têm de estruturantes. São açodadas e pecam por não enfrentar o debate com segmentos interessados - profissionais, universidades e a Comissão Nacional de Residência Médica. Preocupa-nos o futuro. O Brasil tem urgência em ser bem tratado e, para tanto, depende de uma ação responsável do Estado para encontrar, em parceria com a sociedade, as respostas que resgatarão a qualidade do ensino médico e da assistência na rede pública.

ROBERTO D'AVILA, 61, é presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM). **CARLOS VITAL**, 62, é 1º vice-presidente do Conselho Federal de Medicina. **MAURO BRITTO**, 55, é conselheiro federal pelo Mato Grosso do Sul e representante do CFM na Comissão Nacional de Residência Médica. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Senado desconhece a lei (ARNALDO NISKIER)

O ASSUNTO chegou ao plenário da Academia Brasileira de Letras, como não poderia deixar de ser. Tendo por escopo a luta pela defesa da língua portuguesa, a Casa de Machado de Assis estranhou a notícia veiculada pelo Senado Federal de que criaria, na Comissão de Educação, Cultura e Esportes, um grupo de trabalho técnico para "simplificar e aperfeiçoar a ortografia".

O Senado não detalhava, porém, como faria essa misteriosa simplificação nem com que grupo de pessoas se dispunha a fazê-lo. Filólogos? Lexicógrafos? De quais instituições? A ABL seria ouvida? O que há de mais esquisito nisso tudo é a câmara alta desconhecer ou ignorar a existência da lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, assinada pelo então presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici, e pelo seu ministro da Educação, Jarbas Passarinho. Esse instrumento legal aprova alterações na ortografia da língua portuguesa e dá outras providências. Entre outras modificações, a medida cortou o trema nos hiatos átonos, o acento circunflexo diferencial nas letras e o da sílaba tônica das palavras homógrafas (exceção da forma pôde).

No artigo 2º, a lei atribui à Academia Brasileira de Letras a tarefa de promover a atualização do Vocabulário Comum (o que tem sido feito cuidadosamente), a organização do Vocabulário Onomástico (também feita) e a republicação do Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa. Hoje, o chamado Volp está na quinta edição e tem uma circulação bastante apreciável. Ora, a lei nº 5.765 é baseada no que o Congresso Nacional decretou - e não houve qualquer ato de revogação -, razão pela qual essa decisão unilateral do Senado nos parece rigorosamente extemporânea.

O assunto mereceu a manifestação indignada da Associação Brasileira de Linguística, presidida pela professora Marília Ferreira, que enviou correspondência ao senador Cristovam Buarque (PDT-DF). São suas palavras: "Infelizmente, ao que tudo indica, a Comissão de Educação decidiu patrocinar uma reforma ortográfica simplificadora', sem que se tenha dado espaço para o contraditório. Até onde se sabe, a comissão não ouviu nenhum especialista na história da nossa língua e da

nossa ortografia; tampouco ouviu representantes da indústria editorial; e também não ouviu nenhum dos educadores que se dedicam ao estudo do processo de alfabetização e letramento".

Decidiu tudo de forma autocrática e inoportuna, deixando uma dúvida no espírito dos que se debruçam sobre a matéria. A mudança pretendida, a essa altura do campeonato, seria profundamente prejudicial, pois levaria ao lixo milhões de exemplares de livros didáticos que são distribuídos anualmente a alunos carentes de todo o país. A que serve, pois, essa incrível aventura?

ARNALDO NISKIER, 78, doutor em educação, é membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do CIEE-RJ (Centro de Integração Empresa-Escola no Rio de Janeiro). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Spoilers (GREGORIO DUVIVIER)

UMA mulher é assassinada no Baixo Gávea ao meio-dia. Um avião é derrubado e mata 300 pessoas. Morre João Ubaldo Ribeiro. Israel invade a Faixa de Gaza. A morte dos outros é um spoiler. Parece te revelar algo que você não sabia, ou fingia não saber sobre você mesmo: você vai morrer. Olhe à sua volta. Todo o mundo vai morrer. A vida é pior que "Game of Thrones". Não sobra nem o anão.

A vida só é possível enquanto a gente esquece que a morte está à espreita. Os jornais, como a revista "Minha Novela", contam o que a gente não quer saber. "Olha a morte ali, te esperando. Nada disso faz sentido. Nunca fez." Há quem busque um sentido na religião, que jura que o melhor está por vir. O padre dá ao beato o mesmo conselho que um fã de "Breaking Bad" dá àquele que está começando a série: só vai ficar bom mesmo lá na última temporada. Mas não pode pular nenhum capítulo. Você vai ser recompensado. Confia em mim. O que vale para "Breaking Bad" não vale para a vida. O câncer não regride quando você começa a vender droga -infelizmente. A vida está mais pra "Lost". A cada episódio que passa surgem novos mistérios. Prometem que no final tudo vai se esclarecer, mas tudo acaba de repente, com todo o mundo se abraçando. Só te resta a perplexidade: mas e aquele pé gigantesco? E aqueles números malditos? E aquele moço que usa lápis no olho e não envelhece? E o Rodrigo Santoro? Esquece. A vida vai morrer na praia.

O que entendi é que é melhor desistir de entender. O roteirista da vida é preguiçosíssimo. Personagens queridos somem do nada. Personagens chatíssimos duram pra sempre. Tem episódios inteiros de pura encheção de linguiça e, de repente, tudo o que deveria ter acontecido numa temporada inteira acontece num dia só. As coincidências não são críveis - e numerosas demais. A vida é inverossímil. Aí você me pergunta: vale a pena ver um seriado tão longo que pode ser interrompido a qualquer momento sem que te expliquem porra nenhuma?

Talvez valha, como "Seinfeld", pelas tardes com os amigos tomando café e falando merda. Ou, como "Girls", pelas cenas de sexo. E pela nudez. Talvez valha, como "Chaves", pra rir das mesmas piadas e chorar quando você menos espera. E vale pelos churros. E pelos sanduíches de presunto. E vale, de qualquer maneira, porque a vida, chata, óbvia ou repetitiva, é só o que está passando.

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Marketing geopolítico (LUIZ FELIPE PONDÉ)

UMA das últimas modas da mídia foi a Primavera Árabe. Neste caso, quase um caso de estelionato geopolítico. O Egito voltou a ser o que era. A Líbia, terra de tribos, caiu no caos. A Síria estava melhor com o Assad mandando. As mentiras do Bush sobre "smoking guns" no Iraque foram também um estelionato geopolítico. Mas, este, todo mundo reconhece. Já a "primavera árabe", custa a ser vista como é: uma invenção do marketing geopolítico da esquerda de butique.

E este marketing serve para grupos como o Hamas fingirem que querem a paz, quando, na realidade, querem matar os israelenses. Não por acaso, o Hamas louvou o assassinato dos três adolescentes israelenses. Não quero dizer que não exista uma dinâmica política e social no Oriente Médio, quero dizer que esta dinâmica (caótica, violenta, atávica, tribal, religiosa, racial, comercial) nada tem a ver com o que "filósofos queijos e vinhos" pensam que seja. Vejamos o caso do Estado de Israel. Aliás, talvez este seja um dos assuntos onde o marketing geopolítico mais faz estrago à reflexão.

Israel é um "anacronismo" contemporâneo. Primeiro porque não faz marketing geopolítico e isso, aliado ao velho antissemitismo hoje travestido de crítica a Israel, cria o caldo no qual grande parte da mídia discute o conflito entre judeus e árabes no Oriente Médio. Os árabes investem pesado em marketing geopolítico. Israel, não. Importante lembrar que os palestinos são uma cabeça de ponte dos países árabes e do Irã que continuam buscando a eliminação de Israel do mapa da região. O marketing geopolítico árabe oculta este fato. O Hamas não lança foguetes pela criação do Estado Palestino, lança pela destruição do Estado de Israel. Sabia disso? Desde 1948 alguns países árabes tem uma política chamada "judeus ao mar", apesar de não se falar dela hoje porque pega mal para o marketing geopolítico dos árabes e do Irã. O mesmo marketing que alimenta ideias falsas como "primavera árabe". Muitas vezes temos a impressão de que este fator ("judeus ao mar" como política do Hamas inclusive) não existe.

O filósofo britânico, nascido em Riga, Isaiah Berlin (1909-1997), descreve Israel no artigo "The Origins of Israel" de 1953 (republicado no volume "The Power of Ideas", Princeton University Press, 2000) como um anacronismo porque fundado nos mais puros ideais da "intelligentsia" liberal russa do século 19: liberdade, igualdade, justiça, ciência, democracia, ou seja, a busca de assimilação dos judeus aos modos da vida moderna da Europa ocidental.

Para Berlin, se quisermos entender Israel devemos olhar pro século 19. Entretanto, há um outro componente neste processo: a influência das comunidades religiosas judaicas do Leste Europeu. Esta mistura cria um conflito interno no Estado judeu (identificado hoje no conflito seculares x ortodoxos), ainda que, na sua origem, o ideal era que os judeus das comunidades fechadas do Leste Europeu, em algum momento, seriam assimilados ao modo de vida secular. Isso não aconteceu. Ao contrário, as mulheres ortodoxas são três vezes mais férteis do que as seculares. Como dizia antes, Israel não trabalha no plano da propaganda geopolítica como o Hamas. O Hamas se esconde atrás da população civil porque sabe que quando Israel é obrigado a revidar, muita gente morre e a mídia internacional embarca de novo no estelionato geopolítico.

Quer exemplos? 1. No dia 15 de julho, um hospital em Gaza foi danificado por mísseis. Por quê? Porque o Hamas colocou uma base de lançamento de foguetes contra Israel ao lado do hospital. 2. Você já se perguntou por que só aparece foto de criança chorando em Gaza? 3. Quando Israel lança panfletos dizendo para as famílias saírem de casa por conta de ataques na região, se você sair, o Hamas considerará você colaborador do sionismo.

Os defensores da política de "judeus ao mar" sabem que militarmente perderam todas as guerras, do contrário Israel não existiria mais. Por isso, investiram na mídia: esperam que muitos palestinos morram para dizer que Israel é mau e eles uns "docinhos de coco".

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Futebol é cultura (AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA)

DURANTE muito tempo pensou-se que o futebol era um produto da natureza. Como na natureza surge espontaneamente uma flor, no futebol também surgiria o craque, a flor da espécie. Desse modo, acreditou-se que o craque florescia na várzea, na periferia, na floresta. Tínhamos uma reserva natural de craques. E exportamos muitos deles.

Acontece que o futebol globalizou-se e os times ficaram mais competitivos. Um craque messiânico não é capaz de salvar uma seleção. É necessário um time onde todos sejam capazes de fazer o que o craque faz. Por isso, o técnico da seleção alemã, Joachim Löw, disse ao jovem atacante Mario Götze, que entrou no segundo tempo da final da Copa, contra a Argentina: "Vá lá e mostre que você é melhor que Messi". O Mundial nos ensinou que futebol é cultura, que não é algo que pertence apenas ao Ministério do Esporte. Basta ver a quantidade de análises feitas por sociólogos, pedagogos, escritores, filósofos etc.

A relações públicas americana Laura Schoen, que dirige uma multinacional da área da saúde, escreveu um texto aproximando as estratégias do esporte e a dos publicitários em reuniões decisivas. Ao lado da consabida noção de "cultura do futebol" temos que pensar que "futebol é cultura". Jornais repetiram à exaustão que os alemães se prepararam durante dez anos num projeto que englobou todo o país. Soube que os atletas trouxeram namoradas, mulheres e filhos para a celebração e que doaram uma ambulância e dinheiro para os índios pataxós na Bahia, mas eu gostaria de ter lido também uma reportagem que falasse do nível de escolaridade desses jogadores.

Os alemães, na verdade, aliaram cultura e natureza e mudaram a imagem que tínhamos de seu país. Aprenderam com os índios pataxós uma certa dança e dançaram como indígenas vitoriosos no Maracanã. Por isso, é necessário ponderar sobre um novo conceito de natureza e cultura para entendermos o que ocorre com o futebol. Natureza e cultura não são opostos, são complementares. No século 20, a modernidade tinha horror à natureza. Faziam o louvor da máquina e da velocidade. Vanguardistas e modernistas estavam equivocados. Temos que domar a máquina e dialogar com a natureza.

Os anos 1960 desentranharam do equívoco a palavra "poluição". Descobriu-se que a natureza não era inimiga, que tinha que ser aliada. O que caracteriza a passagem do século 20 para o 21 é a aliança entre natureza e cultura, modo de evitar a catástrofe, seja placar de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil, seja o derretimento das calotas polares. Diga-se, finalmente, que os times que tiveram mais sucesso foram aqueles em que havia "follow up", ou seja, sequência nas jogadas, passes certos e gols. Não basta driblar, há que passar a bola sem erro. O Brasil tem que aprender a passar a bola e chutar em gol produtivamente. Diminuir o custo Brasil, desbastar a burocracia.

Não foi somente o time de Felipão que acreditava num herói e dava passes equivocados. O brasileiro tem que descobrir que o futebol, além de ser uma metáfora reduzida do país, é cultura. E essa cultura tem que se modernizar.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, 77, é poeta e escritor, autor de "Sísifo Desce a Montanha" (Rocco). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

A lista de desejos (ROSELY SAYÃO)

ACABOU a graça de dar presentes em situações de comemoração e celebração, não é? Hoje, temos listas para quase todas as ocasiões: casamento, chá de cozinha e seus similares - e há similares espantosos, como chá de lingerie -, nascimento de filho e chá de bebê, e agora até para aniversário.

Presente para os filhos? Tudo eles já pediram e apenas mudam, de vez em quando ou frequentemente, a ordem das suas prioridades. Quem tem filho tem sempre à sua disposição uma lista de pedidos de presentes feita por ele, que pode crescer diariamente, e que tanto pode ser informal quanto formal. A filha de uma amiga, por exemplo, tem uma lista na bolsa escrita à mão pelo filho, que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias. Ah! E ela funciona tanto como lista de pedidos como também de "checklist" porque, dessa maneira, o garoto controla o que já recebeu e o que ainda está por vir. Sim: essas listas são quase uma garantia de conseguir ter o pedido atendido.

Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo. Sabe aquele esforço de pensar na pessoa que vai receber o presente e de imaginar o que ela gostaria de ganhar, o que tem relação com ela e seu modo de ser e de viver? Pois é: agora, basta um telefonema ou uma passada rápida nas lojas físicas ou virtuais em que as listas estão, ou até mesmo pedir para uma outra pessoa realizar tal tarefa, e pronto! Problema resolvido!

Não é preciso mais o investimento pessoal do pensar em algo, de procurar até encontrar, de bater perna e cabeça até sentir-se satisfeito com a escolha feita que, além de tudo, precisaria estar dentro do orçamento disponível para tal. Hoje, o presente custa só o gasto financeiro e nem precisa estar dentro do orçamento porque, para não transgredir a lista, às vezes é preciso parcelar o presente em diversas prestações... E, assim que os convites chegam, acompanhados sem discricção alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra. É que os presentes menos custosos são os primeiros a serem ticados nas listas, e quem demora para cumprir seu compromisso acaba gastando um pouco mais do que gostaria.

Se, por um lado, dar presentes deixou de dar trabalho, por outro deixou também totalmente excluído do ato de presentear o relacionamento entre as pessoas envolvidas. Ganho para o mercado de consumo, perda para as relações humanas afetivas. Os presentes se tornaram impessoais, objetos de utilidade ou de luxo desejados. Acabou-se o que era doce no que já foi, num passado recente, uma demonstração pessoal de carinho.

Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo? Ou aquela frase transparente de criança, que nunca deixa por menos: "Eu não quero isso!?" Tudo isso acabou. Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla. Quem recebe apenas tica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.

Que tempos mais chatos. Resta, a quem tiver coragem, a possibilidade de transgredir essas tais listas. Assim, é possível tornar a vida mais saborosa.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Maioridade penal (SUZANA HERCULANO-HOUZEL)

PARTICIPEI recentemente, na qualidade de neurocientista, de um debate com um delegado, um promotor, uma defensora dos direitos humanos e um pai cuja filha adolescente foi assassinada por outro adolescente. O tema? Se a maioridade penal deveria ser reduzida de 18 anos para, por exemplo, 16.

Supostamente, éramos especialistas de opiniões divergentes: três a favor, dois contra a redução. Ao longo do debate, no entanto, chegamos à conclusão de que éramos todos a favor das mesmas coisas: a punição de assassinos independentemente da idade, e o fim da atual tabula rasa concedida a menores delinquentes ao completarem 18 anos.

Para a neurociência, é fantasia supor que, ao completar um certo número de anos de vida, o cérebro, literalmente da noite para o dia, se torne capaz de raciocínio consequente, e portanto criminalmente imputável --e ainda esqueça todo o mal causado anteriormente.

A adolescência é um processo de transformações biológicas guiadas pela experiência. Por ser um processo, e não um evento com data marcada, não há como definir quando exatamente o cérebro vira adulto.

A capacidade de raciocínio abstrato, por exemplo, já está bem estabelecida aos 13-14 anos; o raciocínio consequente, base da imputabilidade, termina de amadurecer lá pelos 16-18. Mas a mielinização das conexões pré-frontais, por exemplo, o que permite decisões sensatas e maduras, só termina lá pelos 30 anos de idade. Qualquer idade, portanto, é arbitrária para marcar o fim da adolescência: a neurociência não fornece um "número mágico" que sustente a maioridade penal aos 16, aos 18 anos ou em qualquer outra idade.

E lançar ex-menores infratores de volta à sociedade com ficha limpa e "sem" antecedentes criminais, mesmo que tenham matado, esfolado e trucidado, é fantasia que beira o delírio. A qualquer idade, e ao longo de toda a vida, o cérebro

é a soma cumulativa da sua biologia e de todas as experiências vividas. A borracha que o sistema judiciário passa atualmente nos ex-menores infratores infelizmente não se aplica ao cérebro. Não se recomeça do zero, mas é possível ter uma segunda chance, sim - sempre por cima de tudo o que aconteceu antes.

O consenso, portanto, foi que consultar o público sobre reduzir a maioria penal é fazer a pergunta errada - pois não há resposta certa, nem ela resolve o que de fato se busca: um sistema mais justo de punição, prevenção e proteção.

SUZANA HERCULANO-HOUZEL é neurocientista, professora da UFRJ e autora do livro "Pílulas de Neurociência para uma Vida Melhor" (ed. Sextante) e do blog www.suzanaherculanohouzel.com. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

A Copa e o legado de mobilidade urbana (CLÁUDIO FRISCHTAK)

A COPA do Mundo terminou e ficamos com sensações contraditórias sobre ela. Em campo, perdemos. No acolhimento aos visitantes, ganhamos. No seu conjunto houve relativamente poucos incidentes e o clima foi de grande festa. Mas, afinal, valeu a pena? Foi um bom emprego de recursos públicos?

Quando a Copa foi vendida para a população brasileira e anunciada em outubro de 2007, além da festa e da possível consagração da seleção no seu próprio país, superando de vez o trauma de 1950, foi comunicado um tripé de benefícios que justificava a candidatura: o impulso ao turismo e aos negócios, numa reeleitura do Brasil como país do presente, a reconstrução e a modernização dos estádios com recursos privados, e para as cidades-sede, um choque de mobilidade.

A festa acabou. E agora? Qual o efetivo legado da Copa do Mundo para o país? No futebol, irá depender se o resultado ruim em campo servirá como pretexto para a atualização do esporte. O saldo no plano do turismo foi aparentemente positivo. A hospitalidade do nosso povo, contudo, não mascara o fato de que o Brasil é um país caro, emissor líquido de visitantes, com saldo negativo de gastos de brasileiros no exterior de US\$ 18,6 bilhões em 2013, e projetado - apesar da Copa - a chegar a US\$ 18 bilhões neste ano, mesmo levando em consideração as perspectivas econômicas mais adversas.

Quanto aos estádios a história é conhecida: foi nos contada uma lorota. Ou duas. A primeira é que quem financiou as 12 arenas foi o governo, ou seja, a população (usuária ou não). O aporte de recursos privados foi marginal. A segunda é que esses estádios custaram 42% a mais do que seus projetos iniciais indicavam --o que não é pouca coisa - pulando de R\$ 5,97 bilhões para R\$ 8,48 bilhões.

Temos o Mané Garrincha, o estádio mais caro do mundo por assento, e possíveis "elefantes brancos" em Manaus, Natal, Cuiabá e Brasília, com o próprio Mané Garrincha, em que as prefeituras e o governo do Distrito Federal vão ter que se desdobrar para assegurar que não venham a ser um contínuo sorvedouro de dinheiro público.

Mas e o choque de mobilidade? Infelizmente, esse foi o legado mais modesto. Passaram-se mais de dois anos entre o anúncio da Copa e o da Matriz de Responsabilidades em janeiro de 2010, na qual o país se comprometia com 44 obras de mobilidade somando R\$ 11,6 bilhões de investimento. Ou seja, sinalizou-se que os governos iriam gastar em mobilidade urbana próximo de duas vezes mais do que o setor privado iria fazê-lo nos estádios, mas não foi o que aconteceu.

Ainda que seja difícil de acompanhar o epílogo da Copa no plano da mobilidade - a última atualização da Matriz de Responsabilidades é de setembro de 2013-- o compromisso de recursos foi reduzido por causa de algo inusitado: 21 dos 44 projetos anunciados na Matriz em 2010 (e seus aditivos) foram substituídos por outros de escopo e magnitude reduzidos, ao ponto que muitos não se podem ser caracterizados como de mobilidade propriamente dito.

Saiu, por exemplo, o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) de Brasília e o monotrilho de Manaus, assim como os BRTs (sistema rápido de ônibus) de Salvador, Manaus, Cuiabá e Porto Alegre, e entraram sete obras viárias no entorno dos estádios - a exemplo da pavimentação no entorno do estádio Beira Rio, na capital gaúcha, ou a rota de pedestres em volta do estádio da Fonte Nova, em Salvador.

O resultado foi um compromisso reduzido, desta vez de R\$ 8 bilhões. Nem esse compromisso, porém, foi cumprido, pois obras significativas não ficaram prontas, tais quais as do sistema BRT do Recife e dos VLTs de Cuiabá e Fortaleza. Na realidade, nenhuma obra sobre trilhos ficou pronta (obras metroviárias com exceção de construção e/ou modernização de algumas estações não chegaram a ser incluídas na Matriz), e continuamos --tal como antes da Copa-- distantes de resolver a crise de mobilidade das grandes cidades.

CLÁUDIO ROBERTO FRISCHTAK, 64, doutor em economia pela Universidade Stanford, é presidente da Inter.B Consultoria Internacional de Negócios. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O Brasil ganhou a Copa (CONTARDO CALLIGARIS)

O BRASIL ganhou a Copa de duas maneiras. A primeira é que a Copa aconteceu e funcionou. Claro, houve problemas, grandes e pequenos. Claro, também, descobriremos (se não sabemos já) que o custo foi muito superior ao que deveria ter sido. Mas não fizemos feio: a maioria dos hóspedes achou que o Brasil organizou bem a festa e que valeria a pena voltar um dia. Em suma, bem melhor do que eu imaginava.

A segunda (e mais importante) razão pela qual o Brasil ganhou a Copa é que a seleção perdeu de 7 a 1 contra a Alemanha e de 3 a 0 contra a Holanda, mas"i isso não foi uma tragédia. De fato, nem sequer foi um drama - a não ser para

a indústria do espetáculo. Uma leitora, Eliane Brígida Falcão, contou que assistiu ao jogo Brasil x Alemanha na avenida Atlântica ("no telão da Fifa, mas no asfalto mesmo, fora do cercadinho"). No fim, "havia música, uns riam aqui e ali, dançavam, xingavam, reclamavam (!), havia de tudo! Voltei para casa andando nas ruas, não vi confusão, nem briga, nem gente se rasgando ou se desesperando. Nenhuma criança aos prantos". Uma vez em casa, Eliane ligou a televisão e viu "comentaristas com cara de velório" e "explorando a imagem de duas crianças chorando" para falar do "desespero do povo".

Nos jornais do dia seguinte, os títulos: "humilhação", "vexame", "vergonha". Eliane conclui: "Esse quadro de emoções desesperadas é mentiroso" "Não vi e não estou vendo nada disso"! Só vejo muita conversa"! Muita ironia". Concordo com ela: a expectativa midiática de um desespero nacional contrastou com a maturidade do povo, que lamentou, xingou, achou engraçado e seguiu andando. Conclusão: podemos festejar -porque, sim, infelizmente a seleção perdeu, mas o Brasil parece saber que a seleção não é o Brasil. E essa descoberta é uma vitória.

O país (digo "o país" porque "pátria", para mim, sempre tem um lado grandiloquente e ridículo), de vez em quando, coloca as chuteiras, como qualquer um, num domingo à tarde. Mas, aparentemente, não por isso precisamos acreditar que o "homo brasiliensis" seja especialmente expressado pelas suas chuteiras. A derrota da seleção se transforma em vitória por revelar o "óbvio ululante": o Brasil é muito, mas muito mais do que a seleção. Talvez o próprio Nelson Rodrigues, hoje, aceitasse a ideia de que o Brasil pode ter se curado do famoso complexo de vira-lata - não graças a uma vitória na Copa, mas graças a uma derrota.

Surpreendente? Nem tanto. O complexo de qualquer vira-lata é o sentimento de que lhe falta uma identidade que preste: vira-lata é quem sonha com algum tipo de "pedigree". Na escala de uma nação, o complexo de vira-lata é, antes de mais nada, uma pressa doentia em responder à pergunta: "quem somos nós?". Dessa pressa nascem glórias e "imortalidades", que são sobretudo pitorescas. Quem somos nós? Somos os da ginga, da batucada, do drible, do futebol"! Por que não os do jeitinho, hein? Talvez isso não seja mais necessário. Podemos torcer sem que o país precise de vitórias da seleção para acreditar que ele existe. Como escreveu Antonio Prata no domingo retrasado (<http://folha.com/no1484964>), "temos inúmeros exemplos de brasileiros que se unem com um objetivo e chegam, com trabalho e competência, a resultados extraordinários.

Das meninas do vôlei ao Impa, Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, no Rio de Janeiro. Do Grupo Corpo ao Instituto Butantan. Da Osesp à Pastoral da Criança. De Inhotim ao programa gratuito de tratamento da Aids. Da cozinha do Alex Atala aos programas sociais que tiraram 50 milhões de pessoas da miséria. Sem falar na Copa, que, apesar da seleção, deu certo". A lista continua com o contingente brasileiro no Haiti, a lembrança de Sérgio Vieira de Mello, quatro missionárias que encontrei nas montanhas do Timor Leste"! Realmente, o país não precisa da seleção para existir.

Numa troca de e-mails sobre aspectos e consequências do complexo de vira-lata, um outro leitor, Ricardo Villela Junqueira, evoca a pergunta que é colocada ao estrangeiro que volta para sua casa: "O que você achou do Brasil?". Ninguém me pergunta mais (não sou estrangeiro o suficiente para isso), mas, se perguntassem, responderia: achei o Brasil do caramba. É um lugar-comum que não serve só para consolar crianças inseguras: às vezes, saber perder é muito mais importante que ganhar.

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Legalização da maconha (DRAUZIO VARELLA)

EM DUAS colunas anteriores mostramos que os efeitos adversos da maconha não são poucos nem desprezíveis e que o componente psicoativo da planta pertence à classe dos canabinóides, substâncias dotadas de diversas propriedades medicinais.

Falamos das evidências de que fumar maconha pode causar dependência química - embora menos intensa do que a da nicotina, da cocaína ou dos benzodiazepínicos que mulheres e homens de respeito tomam para dormir. No final, dissemos que o inegável interesse medicinal dos canabinóides não é justificativa para a legalização da droga, já que a imensa maioria dos usuários o faz com finalidade recreativa. Acho que a maconha deve ser legalizada por outras razões. A principal delas é o fracasso retumbante da política de "guerra às drogas".

De acordo com o 2º Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), realizado em 2012 pelo grupo do Dr. Ronaldo Laranjeira, da Unifesp, cerca de 7% dos brasileiros entre 18 e 59 anos já fumaram maconha. Descontados os menores de idade, seriam 7,8 milhões de pessoas. Perto de 3,4 milhões haviam usado no ano anterior. Como se trata de droga ilegal, poderíamos considerá-los criminosos, portanto passíveis de prisão. Quantas cadeias seriam necessárias? Quem aceitaria ver o filho numa jaula superlotada, porque foi pego com um baseado?

Legalizar, entretanto, não é empreitada corriqueira, como atestam as experiências do Colorado, Washington, Holanda e Uruguai. Quem ficaria encarregado da produção e comercialização, o Estado ou a iniciativa privada? Fundaríamos a Maconhbrás e colocaríamos fora da lei as plantações particulares? Seriam autorizados cultivos para consumo pessoal? Há amparo jurídico para reprimir a produção doméstica de uma droga legal? Por acaso é crime plantar fumo no jardim ou destilar cachaça em casa para uso próprio?

Quantos pés cada um teria direito de cultivar? E aqueles que ultrapassassem a cota, seriam obrigados a incinerar o excesso ou iriam para a cadeia? Quem fiscalizaria de casa em casa? A que preço a droga seria vendida? Se custar caro, o tráfico leva vantagem; se for barata, estimula o consumo. Como controlar a quantidade permitida para cada comprador? E os pontos de venda? Farmácias como no Uruguai, coffee shops como na Holanda, lojas especializadas ou nossas padarias que já comercializam álcool e cigarros?

Se a iniciativa privada estiver envolvida em qualquer fase do processo, como impedir o marketing para aumentar as vendas? A experiência com o álcool e o fumo mostra que deixar drogas legais nas mãos de particulares resulta em milhões de dependentes. São tantas as dificuldades que fica muito mais fácil proibir. Tudo bem, se as consequências não fossem tão nefastas. A que levou a famigerada política de guerra às drogas, senão à violência urbana, crime organizado, corrupção generalizada, marginalização dos mais pobres, cadeias abarrotadas e disseminação do consumo?

Legalizar não significa liberar geral. É possível criar leis e estabelecer regras que protejam os adolescentes, disciplinem o uso e permitam oferecer assistência aos interessados em livrar-se da dependência. O dinheiro gasto na repressão seria mais útil em campanhas educativas para explicar às crianças que drogas psicoativas fazem mal, prejudicam o aprendizado, isolam o usuário, tumultuam a vida familiar e causam dependência química escravizadora.

Nos anos 1960, mais de 60% dos adultos brasileiros fumavam cigarro. Hoje, são 15% a 17%, números que não param de cair, porque estamos aprendendo a lidar com a dependência de nicotina, a esclarecer a população a respeito dos malefícios do fumo e a criar regras de convívio social com os fumantes. Embora os efeitos adversos do tabagismo sejam mais trágicos do que os da maconha, algum cidadão de bom senso proporia colocarmos o cigarro na ilegalidade?

Manter a ilusão de que a questão da maconha será resolvida pela repressão policial é fechar os olhos à realidade, é adotar a estratégia dos avestruzes. É insensato insistirmos ad eternum num erro que traz consequências tão devastadoras, só por medo de cometer outros.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

“Eu questiono porque não basta ser” (ENDRIGO CHIRI BRAZ)

Entrevista de Mano Brown, líder do Racionais MC's, à CULT



CULT: Qual sua memória musical mais antiga, o primeiro som que lembra que bateu forte quando era moleque?

MANO BROWN: Acho que foi aquele som que eu fiz “Vida Loka – Parte 1” [musica do disco Nada como um dia após o outro dia, de 2002] em cima, do Liverpool Express, “You are my love”. É um som que lembro que gostei há bastante tempo.

Que idade você tinha?

Tinha uns seis anos, estava no colégio interno, por isso que eu lembrei.

E que tipo de som rolava na sua casa? Era uma casa musical?

Na minha casa não tinha aparelho de som nessa fase, e eu estava no colégio interno. Quando voltei pra casa, minha mãe tinha um dois em um, era AM e toca-discos, pequenininho. Faz tempo isso aí... nos anos 70 a gente não tinha quase nada.

Com quantos anos você voltou pra casa?

Com oito e meio, quase nove.

E que extrato tira desse período de colégio interno?

Eu tenho TOC de arrumação até hoje [risos]. Se o tênis estiver torto, tenho que arrumar. A roupa, a toalha, a roupa de cama, tem que estar tudo dobrado. É herança de lá isso aí.

Por que o Pedro Paulo decidiu virar rapper?

Não foi bem uma decisão, começou como uma brincadeira. Eu estava sem fazer nada, desempregado e tal, e não tinha nada que chamasse a atenção de ninguém também. Quando começou essa onda de rap, nos bailes, a gente começou a ouvir falar nas rádios, e ouvi falar que estava tendo um concurso, mas não participei. Só fui participar do terceiro concurso, quando fiz minha primeira letra. Era uma grande brincadeira, coisa de festa, de moleque. Uma coisa de você poder subir no palco e chamar a atenção das minas, no máximo; não tinha uma pretensão de “ah, vou fazer a revolução”. Com dezessete pra dezoito anos você não pensa nessas coisas, não naquela época.

Quanto tempo depois surgiu o Mano Brown pra valer?

Não muito depois... Eu também não tinha muito a perder, e nem tinha pra onde ir, certo? Com a terceira música que fiz ganhei um concurso no salão, e despertou uma certa cobiça a partir daí, de pensar um pouco maior. Ganhar o concurso era pouca coisa mas também não era nada. Depois a gente estava na São Bento [estação do metrô de São Paulo que foi berço do hip hop brasileiro no final dos anos 1980] e fomos convidado pra entrar no lugar de um cara que tinha faltado na gravação de uma fita demo. Eu cantava sempre no latão da São Bento, comecei a fazer fama ali, aí o cara da demo chegou perguntando: “Quem são os caras do Capão que rimam pra caralho?”. Aí apontaram pra mim e foi assim que aconteceu. A gente foi num apartamento no Edifício Copan e chegando lá estavam o KL Jay, o Edi Rock, Os Gêmeos, que eram uma dupla de rap [famosa dupla de grafiteiros paulistanos], e a gente gravou aquela demo, que não foi pra frente. Na época eu cantava com o Ice Blue, e o Edi Rock e o KL Jay eram uma outra dupla.

E sua mãe? No começo ela gostava?

Escondi da minha mãe um bom tempo. Aí passou um tempão, apareci em casa com um disco gravado e mostrei pra ela, que nem sabia que eu cantava.

Você já tinha parado de estudar nessa época?

Já tinha. Fazia tempo.

Então não é que você estava trocando uma coisa pela outra...

É. Eu podia estar fazendo coisa errada, né? Daí eu fui gravar música. Quando minha mãe viu minha cara no disco, ela não acreditou.

Você achava que o Racionais chegaria onde está ou foi muito além?

Foi além, mas eu sabia que ia ser foda. Eu sabia como ia cantar cada ideia, tal batida, como ia parecer o som, só não sabia que ia ficar do tamanho que ficou. Eu sabia que quando a gente chegasse com aquela ideia, seríamos os primeiros, e que quando as pessoas parassem pra ouvir, não iam largar mais. E foi assim, mas não que nem é hoje, que realmente às vezes me assusta. Não esperava mesmo... mas lá atrás, em 90, sabia que não tinha ninguém como nós no Brasil. A gente não era nada mas a gente era diferente de todo mundo. Eu sabia que se levasse a sério, se desse continuidade, poderia ser alguma coisa, tinha essa noção.

E quanto tempo depois começou a ganhar dinheiro?

Eu vi dinheiro mesmo com “Homem na estrada”. Antes disso era couro de rato, trocando moedas. Os carros quebravam pra caralho, tudo o que ganhava, gastava. E o Brasil era difícil também. A gravadora era pequena, a gente vivia com problema financeiro sério, que nem o Santos [Futebol Clube, time do coração de Brown]. Quando lançamos “Homem na estrada” e “Fim de semana no parque” [do disco Raio-X Brasil, de 1993] que realmente virou outra coisa. Foi quando a gente mudou os temas, parei de falar só do movimento negro pra falar mais da periferia. Aí já estava perto do que calculei. Não onde está hoje, mas “Homem na estrada” estava perto do que eu calculei naquela época. Eu morava num barraquinho aqui nessa rua, numa casinha de um cômodo e meio. Um dia saí na rua e estava tocando “Fim de semana no parque” em três casas diferentes. Minha música... na minha rua... Alguma coisa estava errada, entendeu, ou estava começando a ficar certa. Ali cresceu.

E como vocês estão planejando comemorar os vinte e cinco anos do Racionais?

Eu não pensava em comemorar nada, mas também sou obrigado a reconhecer que vinte e cinco anos são vinte e cinco anos; vinte e seis já é outra fita, não é a mesma coisa. Então vamos comemorar, tá bom.

O disco novo do Racionais sai este ano ainda?

Eu tenho muita música fora do Racionais, e talvez tenha que apelar para esse arquivo para colocar no disco do grupo. Tem bastante música para o meu disco solo, algumas servem para o Racionais, mas vai contrariar muito a lógica.

Por quê? Seu disco solo está indo por outra linha?

Não quero ficar chato, morou?

Tem previsão de lançamento?

O Racionais está na frente, tem prioridade no momento. E o Racionais exige um pouco mais, vai precisar dar uma atenção.

Os outros integrantes do grupo também têm seus projetos solos. É bom pro Racionais em que sentido?

Fortalece o individual, fortalece a pessoa. E grupo é uma parada ótima para você esconder falhas também. Todo mundo é capaz de se sustentar fora do grupo. É bom isso, essa independência dos quatro.

E como está o esquema de produção hoje? Está mais fácil trabalhar, produzir, gravar, fazer show desde a abertura da Boogie Naípe Produções [escritório próprio criado em 2009 para cuidar da produção do grupo]?

Está mais organizado. Mais fácil não, a luta é a mesma, mas com mais organização você consegue enfrentar os adversários mais fortes. Os resultados são melhores. Por exemplo, a gente fez duas festas no Rio de Janeiro, na Fundação Progresso, com cinco mil pessoas cada. Mas a gente podia se foder também, podia não ir ninguém, mil pessoas só, fracasso. E fracassar no Rio decreta o fim, porque é dali para frente. Igual a São Paulo. São cidades formadoras de opinião, e só com organização você consegue fazer isso acontecer. O Racionais foi vítima de muita desorganização ao longo dos anos.

A ideia de centralizar é justamente pra não passar nervoso na mão dos outros?

Para organizar, na verdade. É um trabalho, eu gostaria que fosse aquela liberdade do começo, mas na verdade os tempos mudaram. Tem muita gente que espera por mim e espera de mim.

Isso te cansa? Às vezes queria ser só o Pedro Paulo?

Queria te responder com sinceridade, deixa eu pensar [pausa]. Às vezes sim, mas o Pedro Paulo talvez não estivesse vivo se não fosse o rap, então também não posso ter essa ingratidão. O Pedro Paulo está vivo até hoje por causa de rap. Quando eu conheci o rap, o Pedro Paulo estava fadado a morrer. E na verdade o Pedro Paulo nunca deixou de existir, mas ele poderia ter morrido em 1988.

No sentido de "era o rap ou o crime"?

É, exatamente. Não tinha para onde correr. O crime já estava virando uma coisa normal – meus amigos faziam parte daquilo. E, mano, se você vê os amigos em quem confia no barato, você acaba entrando. Se a primeira dá certo, você quer ir na segunda e aí você vai ficando frio, desacreditado, essa é a circunstância.

Você está mais confortável na posição de referência pra molecada da periferia...

Tem outras referências. Eu posso ser uma, mas tem muitas outras. Mais de cem, mil.

Isso te incomodava antes. Está mais tranquilo hoje em dia?

Não é que me incomodava, eu não gosto é da cegueira. Você tem que estar com a visão 3D, entendeu? Todas aquelas ideias do começo dos anos 1990 foram muito importantes, elas são importantes, mas dali pra frente é cada um com seus problemas. Não pode ter esse negócio de grupo de rap ser ONG. A responsabilidade é de todos. Cada um tem que ter responsabilidade sobre si, então se a gente ficar nessa ideia de paternalismo de novo, "ah, vem que eu te ajudo, te dou cesta básica, te dou leite...", isso aí é o que já se faz. Isso está errado, entendeu? Tira as pessoas da condição de igualdade... A condição de igual, de se sentir igual, é que traz liberdade às pessoas. Mesmo que esteja duro, não posso me sentir menos do que você porque me deu um quilo de açúcar, que merda... Não tinha que estar ninguém dando açúcar pra ninguém. É o mínimo que tinha que ter.

Seu processo de composição mudou nesses vinte e cinco anos?

Eu componho aqui, com vinte caras fumando maconha e conversando junto. Já compus muita música também na cama da minha casa, sozinho. Componho de qualquer forma.

Mesmo com bagunça?

Bagunça vira música para mim, vira letra.

Você está satisfeito com as coisas que conquistou até agora?

Eu não sei o que eu conquistei. Eu sei o que eu fiz, eu estou bem, não me arrependo de nada não.

E no profissional?

No profissional dava para ter crescido mais, dado um passo além, mas era tudo muito atrasado, muito difícil aqui no Brasil. Era tudo muito turvo. Não tinha uma grande proposta que me confortasse. Tudo o que foi me oferecido ao longo da minha carreira foi perigoso. Não vinha dinheiro de uma fonte boa, tudo de fonte que eu não queria acumular.

Agora seria uma boa hora para...

Ó parceiro, vou te falar, hoje em dia já não penso nisso. Penso que eu preciso trabalhar, certo? Trabalhando eu como, bebo, durmo, visto e já era. Eu não penso na carga, no símbolo, no status de ficar rico. Mas sempre existiu essa possibilidade, e se eu não estou é porque não dei a atenção devida. Houve condições, mas não era aquele dinheiro que me orgulharia de ter ganhado. Eu prefiro vender sapatos, vender calça jeans, vender pão.

Trabalhar com coisas mais palpáveis?

Coisas que não sejam filosóficas, nem ideológicas.

Viver de arte é sofrido?

Não deveria ser. Por exemplo, se eu fosse um sambista, viveria de arte sem muita dor de cabeça, arte pela arte, e é muito respeitável por sinal, tá ligado? Como é o Fundo de Quintal, o Zeca [Pagodinho], o Revelação. São muito respeitáveis e não vivem nessa rota de colisão com filosofia. Eles vivem filosofias próprias, não deixaram que ninguém se apoderasse deles. Eles não quiseram ser a luz da humanidade. Houve ali um momento que foi colocado que o rap que tinha que ser a luz da quebrada, a luz da periferia, a luz dos caras. Uma coisa que veio de fora para dentro, que não foi denominada por nós. A mídia falou, a imprensa falou, os fãs falaram. Eu sempre gostei mais de ser o bandido do que ser o líder nas minhas músicas. Mais como um ombro do que como um mentor. Nada de ser mentor, sempre quis ser ombro, braço. Sempre quis ser braço.



Mano Brown durante o show do Racionais MC's na Virada Cultural de 2013 (Foto: Mumu Silva)

Você acha que isso podou o rap de certa forma, tirou a liberdade de experimentar outras coisas?

Sim, mas politicamente era prioridade na época. O rap foi usado, e o Racionais de certa forma também foram.

Com todo o cuidado que vocês tinham?

É, fomos usados pela revolução, pela causa, a gente se deixou usar, entende?

E os frutos disso nem sempre são bons?

O fruto disso é a oposição, hoje aparece uns caras dizendo que a gente é do governo, porque a gente participou daquilo que era uma prioridade na época. Hoje em dia eu não sei se é prioridade. Não sei se é prioridade reeleger o PT. Não é uma coisa que a gente está ali de corpo e alma, mas na época era. Faça ou morra, tá ligado? Era isso, questão de prioridade, de praticidade. Era necessário pôr alguém lá que falasse algumas coisas que a gente pensava, e esse alguém era o Lula.

E agora?

Agora somos acusados de ser "governo". Eu já sabia que isso ia acontecer. Lógico que não esperava que viesse do Lobão, que era um cara que estava do mesmo lado naquela época. Eu não sei o que revoltou ele, com certeza não fui eu, não devo nada pra ele. Não faço parte do governo. Eu participei porque era prioridade para o povo negro que o Lula ganhasse.

E agora não é mais prioridade o PT ganhar?

Não, já não é prioridade. Eu acho que as pessoas têm o direito de questionar mesmo. Eu não vou me deixar cair nessa, de defender antigas filosofias. Eu acho que filosofia existe para ser questionada.

O Lula foi bom nos oito anos que ele...

Foi muito bom.

Por quê?

Eu acho que o mundo precisava disso, e o Brasil experimentou isso. O Obama ganhou lá; e o Lula tinha ganhado aqui, certo? Depois uma mulher foi presidente. Mudanças drásticas! Num país machista uma mulher ganhar. Num país racista um negro ganhar. Aí o Lula, que era um cara limitado, semianalfabeto – tinha essa lenda que o Lula era analfabeto – ganhou. Era impossível o Lula ganhar, entendeu? Ele tinha perdido três eleições direto. Eu participei de todas. Era prioridade o Lula ganhar porque em 2002 era outro Brasil. Era prioridade. Tinha que ganhar. Era vital.

E qual deveria ser nossa prioridade política agora? Isto é, a do povo que quer mudança.

O povo tem que tomar cuidado para não ser manipulado nesse ímpeto político. Querer mudança é muito importante, mas tem que tomar cuidado para não ser manipulado. Porque, realmente, o povo quando quer, muda mesmo. A lição que eu tirei dos protestos do ano passado foi a que existe um povo. Existe um perigo, que pode realmente invadir Brasília. Pode acontecer. Era uma lenda que você imaginava rolar na Argentina, mas no Brasil nunca. E o Brasil mostrou que se quiser, faz. Então é bom todos ficarem bem espertos com isso. Mas tem que tomar cuidado para o povo não ser manipulado, tirar um do cargo pra colocar outro no lugar, virar massa de manobra. Como o Racionais também pode ser, se nos deixarmos ser, entendeu?

Cada vez mais esportistas e artistas estão indo pra Brasília, se envolvendo na atuação política direta. Acha que é um caminho possível ou existem outros interesses envolvidos, como dinheiro?

Eu não acredito que ninguém faça mais nada só por dinheiro. Não é só o dinheiro que conta hoje. É influência, é fazer parte. As pessoas estão lutando pra fazer parte das coisas, né? Nos dias de hoje as lentes estão viradas para essas pessoas mesmo. Então está todo mundo olhando para elas, e a informação é muito rápida. Ter um dinheiro indevido na mão é muito perigoso para qualquer um: pra rapper, pra sambista, pra jogador... Não é só o dinheiro. É estar perto. Os cara chamam de network. É o caldeirão da bruxa. É o lobby, a antiga panela. Eu tenho um pouco de receio disso. Nunca quis estar perto do governo por isso. Fui chamado para muitas reuniões do governo e nunca fui em nenhuma. Não foi pra não se misturar mesmo... É que meu lugar não é lá, entendeu? Mas eu não escondo: a gente se posicionou a favor da eleição do Lula e ficou marcado por isso. Porque o Lula ganhou, fez a diferença e muita gente não gosta do que ele fez. Esses dias eu vi na internet: "É, o Mano Brown votou na Dilma!". Eu votei na Dilma mesmo. Eu acho que oitenta e cinco por cento da população na época votou na Dilma, mas tem quarenta por cento que vai dizer agora que não votou... Como assim?

E votaria na Dilma de novo?

Questionaria. Ouviria os que estão em volta de mim. Eu ia parar para ouvir.

Em 2007, no "Roda Viva", você disse que a maioria já estava a favor do povo, que a periferia é a maioria. Eu queria saber de você o que é que falta ainda? Se envolver em Brasília, criar um partido político?

É fazer muito mais fora de Brasília. A sociedade civil, as pessoas, os trabalhadores, os formadores de opinião, os jornalistas, os que fazem, os que escrevem, os que emitem opiniões, que têm contato com o público, eles têm força pra fazer o que o governo não faz. Verdade reta? É isso que tem que ser feito. Todo mundo sabe da sua obrigação. Esperar do governo é ultrapassado. Eu acho que o que tem que fazer é exigir do governo, não esperar. Se a sociedade souber o que quer, dificilmente vai ser enganada. Eu acho que o brasileiro flerta com muita coisa e não sabe exatamente o que quer. O brasileiro acabou de se descobrir, está consumindo pra caralho, está vivendo um momento que nunca viveu, entende? Se a

sociedade quer mesmo lutar por hospital e escola, por que não se organiza pra pressionar o governo? Por que sobra para alguns caras, alguns estudantes, reclamarem disso? Porque o restante está acomodado.

Mas às vezes não é só uma faísca que precisa para fazer o acomodado se mexer?

Ah! Mas já tiveram várias faíscas. Está tendo faísca agora. Deve ter alguém que tá com o pé na vitrine agora, em algum lugar da cidade.

Mas não gera pressão?

É, tá, mas é isso mesmo? É hospital e escola? Ou são outras coisas e os cara querem pressionar o governo pra tumultuar? Qual o setor da sociedade que está preocupado com hospital e escola mesmo?

Você sentia que as manifestações batiam aqui? Que a molecada da periferia se ligava?

Olha, foi meio confuso... A gente ficava falando sobre isso aqui, se era certo ou não, se ia participar ou não. No começo parecia ser uma coisa bem clara, depois virou de muitos interesses. Muitas insatisfações até. Isso mostrou que o governo não estava tão bem quanto a gente pensava. Mas muitos motins pré-organizados surgiram, esperando pra poder pegar essa carona, e um movimento inocente foi manipulado.

A que conclusão vocês chegaram?

Que estava sendo manipulado. Que existiu uma pureza no começo, mas tinham manipuladores também. Nunca foi fácil, né?

Mas não é melhor isso do que nada?

Lógico. Para acordar, né? Acordou os que achavam que estavam protegidos... Se o povo quiser e tiver uma boa causa, ele vai pra rua e toma. Deu para ver isso. Agora, que não seja para agradar um setor, para tirar um do governo e colocar outro que é igual no lugar dele. Você vai continuar sendo peça.

O que você está achando do pleito desse ano? Acredita em algum candidato?

Eu vou aguardar um pouco...

Conversa com seus filhos sobre isso?

Meus filhos têm opinião formada. Inclusive, acho que eles são até mais informados do que eu sobre política. Eles estudam, né? Estão sempre em contato com estudantes... E no meio que a gente vive é fácil de se alienar, então ter dois filhos estudantes, traz informações a que você não tem acesso.

Como você separa o Pedro Paulo do Mano Brown dentro de casa?

Não existe mais separação... Eles são a mesma pessoa. O Pedro Paulo sem o Mano Brown não estaria vivo, já te falei isso. Eles têm que aceitar o Mano Brown de igual. É a mesma coisa. Eu consigo viver bem esse barato aí. É suave. Eu sou um cara comum em qualquer lugar, não só dentro da minha casa. Eu tenho minha opinião formada, e a teria de qualquer forma. Eu não pago de Mano Brown pra cima de ninguém.

Como a ausência da figura paterna influenciou sua vida?

Ah, aprendi a me defender bem... e que a vida é uma guerra. Não tive quem me protegesse. Vi que eu não era perfeito mesmo, por causa disso, né? Já tinha defeito na raiz. Então eu teria que me ajeitar na vida para ser alguma coisa, para conseguir alguma coisa. Eu tinha que melhorar muito como pessoa. Sempre soube que eu tinha muito defeito.

Você acha que isso te deixou mais arisco? Ou mais ressabiado com as coisas?

Não. Nem mais ressabiado nem mais arisco. Eu não sou nem tão arisco. Eu sou destemido. E não posso dizer que sou um cara ressabiado porque já fui traído. Eu sou um cara sem medo. Não tenho medo do futuro. Não tenho nem medo de ser traído. Eu só quero fazer o que eu faço e já era. Não tenho medo de nada.

Você já pensou em procurar seu pai? Como é que é isso pra você?

O meu pai talvez nem esteja mais vivo, né? Já faz tempo. Acho que meu pai não está vivo há muitos anos.

E isso influencia na criação dos seus filhos?

Meus filhos já nasceram numa casa com pai e mãe. Pai e mãe vivos, de vida sofrida mesmo. Então a gente soube mostrar pra eles que a vida não era um mar de rosas, que é difícil. Minha casa nunca foi de luxo, de coisas caras. É uma casa comum. Se você entrar na casa de qualquer pessoa aqui, é igual. Tem televisão, geladeira, sofá. Então eles foram criados de forma bem comum mesmo. Não teve esse lance de Brown.

Mas você faz questão de deixar o canal da comunicação aberto, especialmente com seu filho?

Eu falo com meu filho do mesmo jeito que eu falo com você. De homem pra homem. Minha filha sim, eu já trato com um pouco mais de cuidado, é mulher e tal... Mas ela é bastante inteligente também. É independente. Então tá suave.

Você pensa no futuro dos seus filhos?

Meus filhos têm que fazer as próprias vidas. Não penso no futuro. Eu não projeto as vidas deles.

Mas você se preocupa com o mundo que está deixando para eles, ou isso é problema deles também?

Problema deles também. Cada um com a sua missão. Não tem essa, eu aprendi que a gente tem que criar o filho para o mundo, e não para a gente. E tem que ser forte, que nem eu sou. Tem que ser guerreiro, saber que as coisas não são fáceis. Aqui é uma guerra.

O rap é um meio machista...

Mas está melhorando...

E muitas vezes quem segura a bronca são as mães, as mulheres, não é uma contradição?

O Brasil é machista, e o rap é retrato do Brasil. Feito para o brasileiro, certo? Machista. Ponto.

E você acha que tem melhorado por quê?

Porque as mulheres estão ocupando espaço. Não é que o homem está cedendo, ele está perdendo. A mulher está avançando. Mas quem cria os caras mimados, fracos, são elas, então as mulheres têm lá sua parcela de culpa dos caras serem assim. Elas estão ocupando espaço porque eles também não estão conseguindo segurar os ímpetos das mulheres. E as mulheres estão chegando. A nova ordem, né? Mulher liberta, né? Mulher moderna. Essa liberdade que estão loucas para ter, estão começando a construir agora.

E você acha bom ou ruim?

Acho bom. Sou a favor das mulheres! Desde que o mundo é mundo o homem esteve no comando da situação. Quem sabe com as mulheres muda. Mulher é mãe, é mais apegada à vida.

Acha que está na hora do rap nacional esquecer os Estados Unidos pra trilhar um caminho mais...

Difícil... Quase impossível.

Por quê?

Porque os Estados Unidos são a torre. O mundo está globalizado, então tudo tem influência americana. Não é só o brasileiro que segue, o mundo inteiro segue. E o negro brasileiro deve muito ao negro americano. Porque quando se fala de rap, se fala de negro, e foi baseado na postura do negro americano que o negro brasileiro começou a reivindicar coisas básicas.

A música negra americana é rica, mas a música negra brasileira é tão ou...

Mais... Mas aí é que está! O poder bélico. O negro americano sempre teve aquela postura combatível, passou a ter dos anos 1960 pra frente. Então isso serviu de inspiração para os negros daqui. Foi um canal pra trazer essa ideia de periferia também, de classe. Aí sai do quesito raça e vai pra classe. É praticamente impossível separar uma coisa da outra. Aí vira uma coisa politizada. Eu nunca abri mão da liberdade da música, de fazer música livre. Nunca gostei de ter que falar disso ou daquilo. Mas que serviu, serviu.

Lá atrás, você esperava gravar com o Jorge Ben um dia?

Esperava. Era uma meta. Eu quando quero uma coisa é foda.

No começo do Racionais vocês sampleavam o Jorge Ben, e muito tempo depois você gravou com ele. Acha que os grupos de hoje estão mais conectados com outros artistas? O Emicida gravou com os sambistas Juçara Marçal e Wilson das Neves recentemente, por exemplo.

É, mas o Emicida já vem com a grife de artista que a gente não tinha. O Emicida tem essa grife de artista. O cara é reconhecido pelos outros músicos. Ele foi reconhecido muito mais rapidamente do que a gente na época.

Mas por causa de vocês também, não?

Não. Por causa dele. Tem músicos da época dele que também ouviram a gente e não deram em nada. Foi inteligência dele. A gente não deu nada pra ele. Ele que aprendeu isso. Ponto dele.

Você acha que, com a ajuda da internet, ele conseguiu mudar o jogo do rap?

Ele é um bom jogador. É um cara que sobrevive, um cara forte, inteligente.

Nesse sentido, hoje, a música é mais democrática?

Completamente. Você consegue comunicar com as pessoas, com a sua rede. Eu sempre falei que periferia é massa, e essa massa existe, desde que você não negligencie e nem ignore, eles vão estar com você. É simples assim. Eu cantei para aquele povo que não tinha acesso à internet. Ele canta para o povo que já tem acesso à internet. Sou totalmente consciente da minha situação no jogo.

Gosta do disco do Criolo? Acha que ele é um cara que...

Inteligente.

Ele ter chegado em outros ouvidos acrescenta o que para o rap?

Ele não tem que acrescentar nada para o rap. Ele tem que acrescentar para as pessoas. O rap é só uma classe e eu não sou a favor de defender classes. O rap tem que servir e não ser servido. A gente não pode esperar, por exemplo, que quando o cara do rap chega lá em cima, que ele vá olhar para baixo e começar a ajudar. Não tem nada a ver! Não pode ser assim, não deve ser isso. Tem que ser forte o bastante pra chegar lá também. Não é chegar lá em cima e olhar para baixo para resgatar. Já está no trabalho, normalmente, o resgate.

Só de chegar lá, automaticamente já...

Automaticamente já vem um bolão de gente junto com você. Você já teve que construir para chegar lá. Você não chega lá e vai começar a resgatar um por um. Não dá para chegar lá assim.

Como é que você vê a indústria fonográfica no momento?

Existe um comércio sim, só que não é só a música, certo? Você tem que ter outras coisas para oferecer às pessoas. É som e imagem. Então já não é mais o fonográfico, já é um monte de coisa, já é uma calda longa. É a música mais a imagem, mais a roupa, mais a pessoa, mais o posicionamento dela. É um monte de coisa. Já foi a época em que você vendia o CD e bastava. Hoje não basta mais. É muito pouco. Precisa de um monte de coisa. É um trabalho mesmo.

E vocês têm pensado nisso?

Tenho vivido isso. De 2002 a 2010 passamos uma crise profunda. Deu para aprender um pouco. Teve uma crise fodida, de realmente a moeda bater no fundo da lata. Da época, né? Eu vi o rap subir de novo de 2010 pra frente. Nesses últimos quatro anos foi o grande lance. Cresceu mais do que nos últimos vinte anos que antecederam.

Por quê?

Por essa visão profissional que está sendo instaurada agora. De que é um movimento estabelecido, de que tem que ser levado a sério, de que tem que ter compromisso com horário, organização. Não é só um discurso, não é mais aquele bagulho de adolescente. Agora são homens.

E tem uma história a ser respeitada...

Qual é o maior compromisso da "revolução", entre aspas? É mostrar envolvimento, você pôr sua inteligência dentro dela, sua mão de obra, o conhecimento que você aprendeu naquela causa. Como é que você consegue mostrar isso? Quando a sua empresa vai bem, quando você paga as pessoas direito, quando você dá emprego para mais pessoas. Aí é trabalho! Não

é movimento, onde um faz e fica um monte de gente sem condições de fazer nada. Tem que dar condições das pessoas fazerem para ganharem seu dinheiro. Esse é o momento que a gente está vivendo hoje. Essa é a maior evolução. Já não é revolução do discurso, das coisas abstratas, morou? É do trabalho. Se fosse no campo, seria enxada e terra. É na cidade. É trabalho. É envolvimento. É vida, sabe? E é ideologia também.

Então a expectativa para os próximos anos é boa?

Boa. Talvez melhor para os caras do que para mim, mas vai ser boa.

Melhor para o sangue novo que está chegando?

Com menos cobrança, menos questionamento. Uma visão mais ampla, mais livre.

Você sempre se questionou muito?

Eu questiono porque não basta ser.

Mas ultimamente você está mais de boa?

De boa mesmo nunca. Eu me questiono porque é fácil você parar no tempo. Então eu tenho que estar sempre procurando ser útil, né? Você tem que conseguir fazer sua parte, saber que muito mais gente vai ser beneficiada com aquela atitude que você tomou. Não uma atitude que vai fazer bem para você, encher seu ego. Então, o "revolucionário" tem que passar a ser útil. Parar de ser mentor dos comuns. Não! Vai crescer junto.

É essa revolução interna que você está passando agora?

É interna também, mas não é uma coisa que eu mudei. Nunca achei que o movimento tinha que ser uma ONG. Houve um momento em que a ideia da ONG era prioridade, mas na melhor oportunidade, o mais rápido possível, tem que deixar de ser ONG. É questão de sobrevivência. É que nem o lance de cotas. É polêmico, mas fundamental agora. Um dia vai deixar de ser. Vai chegar o dia em que o negro não vai precisar de cotas. As pessoas vão disputar a vaga de igual para igual. Naquele momento do rap era necessário ser uma ONG. Em 1992, não em 2014.

E a revolução vem de dentro?

Vem de dentro e de fora. A revolução está em volta de você. E dentro de você. Está acontecendo. Mas se você não fizer, alguém vai fazer de qualquer forma.

Esse novo momento do rap tem relação com vocês estarem mais abertos para falar com a imprensa?

Mas quem está mais aberto a falar com a imprensa?

Nós queremos te entrevistar faz tempo... É uma vontade não só da CULT, mas de toda imprensa...

Hoje mesmo eu fui convidado para fazer uma entrevista para o Estadão. E falei não.

A postura é a mesma de sempre ou...

Eu escolho com quem quero fazer e na época que quero fazer. Quando me é conveniente, eu faço.

Pode ser útil...

Considero útil. Mas eu sou imprensa também. Se quiser soltar uma nota agora eu solto, escrita por mim mesmo. Tenho cento e vinte mil seguidores no Instagram. Tem jornal que não tem tantos assinantes.

E serve para semear ideias?

Semear ideias eu já faço há muito tempo. Tem muita gente semeando ideias, todas dignas de serem ouvidas. Tem muita gente falando o que pensa e não é só o Brown, né? Senão vira chavão. Eu virei chavão dessas ideias, de ter que falar essas coisas. "É assunto de racismo? Chama o Brown." De todas as palestras que teve sobre racismo nos últimos anos eu corri.

Mas mesmo assim o chavão continua?

É. Tem alguns encontros que já viraram chavão. Se eu for no movimento negro pra falar dos negros para os negros é fazer o de sempre. É fazer o óbvio. E dá pra viver de óbvio também, fingindo que está fazendo. Eu não quero isso, entendeu? Que evolução tem nisso? "Solta as músicas revolucionárias aí, Brown!" É assim? Oxe! Revolução é assim? Como assim? Tá louco? Não é assim não. Revolução de 2014 é o quê? É Regina Casé, tá ligado? Melhor programa ["Esquenta!"] da televisão

brasileira hoje, querendo ou não. O movimento negro vai vomitar quando ler isso. É uma pessoa que vem lutando, vem disputando, vem acompanhando e chega um momento que faz um grande programa de TV, morou? Do jeito que as pessoas são, fazendo o que elas são, vivendo o que elas são. Não tenho vergonha de ninguém ali, tenho orgulho. Eu me vejo em todos eles ali.

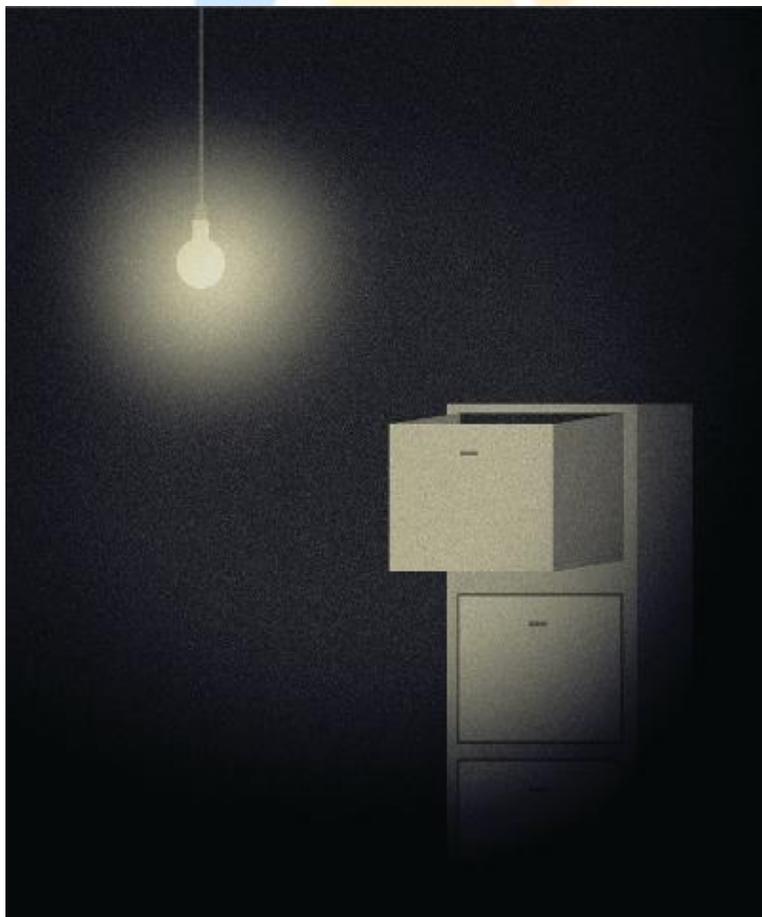
O disco solo funciona pra isso, pra você se libertar?

Eu sou livre! Está fodido quem quiser me aprisionar. Quando falei que vou fazer soul music, vou fazer doa a quem doer. Não estou nem aí. Eu sou rebelado. Se falar de amor é rebelião, eu tô nessa, entendeu?

ENDRIGO CHIRI BRAZ é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CULT, Julho de 2014.**

Quem está com a verdade, quem está com a mentira? (BELISÁRIO DO SANTOS e INÊS SOARES)

A instituição militar perdeu uma oportunidade ímpar para romper definitivamente com o passado de violações cometidas por alguns de seus integrantes, para a tomada e manutenção do poder, que agora legitima pela omissão, não substituindo, como se esperava, o elogio do crime pela afirmação de uma força militar nova



O GOLPE civil-militar de 1964 tem lacunas que começam a ser preenchidas por acervos guardados com particulares – por exemplo, na casa do recém-falecido coronel Malhães – ou mesmo em órgãos públicos, como a Escola Superior de Guerra. Os noticiários divulgaram nos últimos meses informações sobre papéis que comprovam os crimes (inclusive o assassinato de Rubens Paiva) e a cooperação de empresários com o regime autoritário.

O exercício da memória, com novas revelações de testemunhas presenciais, a divulgação de documentos mantidos sob sigilo, aqui e no exterior, e iniciativas como o Brasil Nunca Mais, o Dossiê de Mortos e Desaparecidos Políticos e os acervos reunidos no Memórias Reveladas ajudam nessa recomposição da verdade.

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) e as Comissões de Verdade (CVs) locais surgiram no cenário brasileiro em 2012 com a vantagem de contar com esse vasto conjunto documental e com as narrativas das vítimas como ponto de partida para investigações mais detalhadas sobre os acontecimentos mais marcantes e nefastos da ditadura. Entre as tarefas investigativas da CNV, está prevista a identificação das estruturas, dos locais, das instituições e das circunstâncias relacionados à prática de violações de direitos humanos (art. 3º, III, da Lei n. 12.528/2011).

A atenção da CNV aos locais de repressão, clandestinos ou oficiais, faz todo sentido, já que eles guardam as relações entre memória (inclusive a documental), espaço e narrativa. E esse tipo de investigação passa pela colaboração dos órgãos gestores do lugar, com a apuração de seu uso para torturas e assassinatos, e a apresentação dos documentos relacionados aos fatos investigados. Por isso, a tarefa de explorar a violência praticada nesses estabelecimentos não se limita à CNV, ao contrário: deve ser da comunidade e das instituições públicas.

As Forças Armadas, por seus sucessivos ministros da Defesa, vêm sustentando que inexistem documentos relevantes sobre o período 1964-1985 a serem tornados públicos, já que teriam sido queimados com base em decreto de 1967. Independentemente da consideração de que um decreto não podia contrariar a Constituição vigente, que reconhecia a importância de documentos de valor cultural e histórico, “perderam-se” dados relevantes para o entendimento da estrutura

da repressão e de seus responsáveis, bem como para a localização de despojos de vítimas de execuções extrajudiciais e de desaparecimentos forçados.

Persistiram as narrativas e o espaço físico das práticas violentas, apesar dos dados (supostamente) destruídos. E, em abril, a CNV anunciou que funcionavam pelo menos dezessete centros clandestinos de detenção (CCDs) durante o regime militar, especialmente entre 1970 e 1975, os quais eram ligados às Forças Armadas. Destes, sete já foram mapeados pela comissão, com revelação dos detalhes de sua localização, cadeia de comando etc. Dois meses antes, em fevereiro, a CNV, em ofício dirigido ao ministro da Defesa, pediu a colaboração para apuração administrativa, pelas Forças Armadas, das violações no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1980, de sete instalações militares, entre as quais os DOI/Codi de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Recife.

O Ministério da Defesa parecia ter atendido ao pedido da CNV quando noticiou a instauração de sindicâncias para levantar informações sobre o desvirtuamento do uso das instalações oficiais, com práticas de atrocidades contra presos políticos ali detidos. No entanto, a conclusão da investigação foi de que os dados disponíveis não permitem corroborar a tese de que tenha ocorrido desvio formal de finalidade do fim público estabelecido nessas instalações. Essa apuração teria sido bem útil e o resultado absolutamente diverso se tivessem sido localizados e utilizados os documentos “desaparecidos/queimados”, e colhidos depoimentos dos que, à época, conheciam a rotina das atividades ilegais, por trabalharem no local ou por serem frequentadores que apoiavam as atividades de repressão.

A expectativa era de que as Forças Armadas realizassem um trabalho criterioso e competente, oferecendo a possibilidade de conhecimento de outros aspectos da verdade sobre o que aconteceu tanto nos locais oficiais de repressão como nos centros clandestinos. E essa postura seria respeitosa para com a sociedade brasileira e valorosa para a cidadania.

Mas, novamente, a instituição militar perdeu uma oportunidade ímpar para romper definitivamente com o passado de violações cometidas por alguns de seus integrantes, para a tomada e manutenção do poder, que agora legítima pela omissão, não substituindo, como se esperava, o elogio do crime pela afirmação de uma força militar nova, moderna, conectada com os valores democráticos.

1 Mote do Teatro de Arena na busca da verdade sobre a história do Brasil.

BELISÁRIO DO SANTOS é advogado, secretário da Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, de 1995 a 2000; membro da Comissão Internacional de Juristas e integrante da Comissão Especial do Estado Brasileiro para Mortos e Desaparecidos Políticos. **INÊS SOARES** é procuradora regional da República e mestre e doutora em Direito. Ilustração: Daniel Kondo. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE, Julho de 2014.**



Lucas Rocha